COM O MELHOR DE PLAYBOY

EDITORA ABRIL JUNHO 1977 — Cr$ 25,00

A REVISTA DO HOMEM

VOCÊ SABE TUDO SOBRE SEXO? MESMO?

CARLOS MANGA
ARTHUR KOESTLER
RAY BRADBURY
OTO GLÓRIA

ONDE OS PAULISTAS AMAM (EM SEGREDO)

PESQUISA: O QUE MUDA NA VIDA DO HOMEM DEPOIS DO DIVÓRCIO

PATTI MCGUIRE: A PLAYMATE DO ANO DO PLAYBOY

Manaus, Santarém, Boa Vista, Macapá, Amapá, Porto Velho e Rio Branco (via aérea): Cr$ 33,00

Venha ao sabor
de aventura e liberdade.
Venha à terra de
Marlboro.
FILTER CIGARETTES
Marlboro
20 CIGARROS COM FILTRO
Marlboro
Marlboro
Marlboro
Marlboro
Flip Top,
Superlongos e King Size.
O cigarro que mais vende no mundo.

DE HOMEM PARA HOMEM

Playmate significa, literalmente, *parceira de brincadeiras.* Mas uma tradução literal não é suficiente para reproduzir o sentido carinhoso da palavra. Melhor talvez seja dizer que *playmate* é a parceirinha de diversão, a companheira dos momentos alegres e descontraídos. Essa tradução fica ainda mais apropriada quando se trata de Patti McGuire, eleita a *playmate* do ano do *Playboy,* além de ter sido uma das garotas mais votadas pelos leitores de **Homem** depois de sua apresentação em nossa edição de abril. Agora, ela volta a fazer companhia a você e, desta vez, na capa e em nada menos de dez páginas que, esperamos, sejam longamente curtidas.

DEONÍSIO DA SILVA

Aliás, não será por falta de companhia que você discordará da gente, ou fará como o Armando Paulo Francisco, personagem de *Quero Mulher, Peço Deferimento,* um conto de Deonísio da Silva, uma das maiores revelações da literatura brasileira que estréia em **Homem** na pág. 76. Além de Patti, você neste número dispõe de Robina, tenra alemãzinha, e da brasileirinha Rose Lane, a garota do poster, suave exemplo das graças nativas.

Agora que você já está bem acompanhado, veja o que acontece, em situação semelhante, com milhares de namorados que vivem em São Paulo e não têm casa própria — isto é: apropriada — onde aninhar o seu amor. Apelam então para os *Drive-ins* (pág. 28) e outras incríveis transas narradas por Caco Barcelos — também ele uma revelação de talento e humor que estréia em nossas páginas.

Mas, afinal, tudo bem se a gente tem companhia. Ruim mesmo é a solidão, afirmam muitos dos divorciados ouvidos numa pesquisa feita nos Estados Unidos pelos psicólogos Roger Cox, Martha Cox e E. Mavis Hetherington, para determinar quais as reações e os problemas do homem que acaba de desfazer o casamento. A natureza humana é a mesma, lá e aqui, e as conclusões dessa pesquisa (pág. 122) fornecem ótimos subsídios para se saber também como se sentirão os brasileiros descasados quando o divórcio vier.

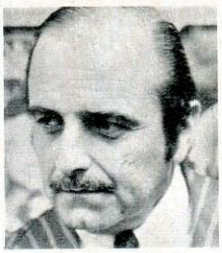
Pior divórcio talvez seja o de idéias, como as que separam os economistas na discussão entre o combate à inflação e o combate ao desemprego. Eles discutem, mas quem paga a "pensão de alimentos" somos nós, o público, como diz Paul Samuelson, Prêmio Nobel de Economia (pág. 86).

O futebol também sofre as conseqüências de divergências teóricas. Dirigentes, técnicos, jogadores e — principalmente — torcedores reclamam contra a falta de gols, mas há muita discordância quanto às fórmulas para resolver esse problema. Oto Glória, com a sua tarimba internacional e o seu profundo conhecimento, analisa as soluções propostas pela FIFA e apresenta a sua, bem mais simples, como você verá na pág. 110.

CACO BARCELOS

PAUL SAMUELSON

OTO GLÓRIA

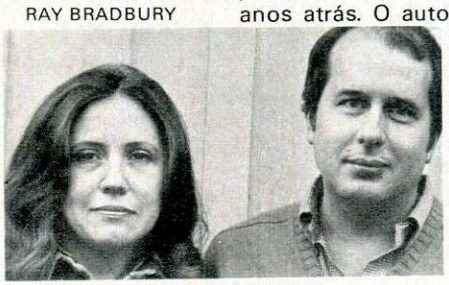

CARLOS MANGA

Igualmente simples é a solução sugerida pelo cineasta, diretor de musicais e produtor de televisão Carlos Manga. Mas o que ele gostaria de ver a salvo não é o futebol, mas o cinema nacional. Entrevistado por **Homem** (pág. 130), Manga não só conta sua carreira, como faz algumas denúncias contundentes.

Nem todos, porém, têm explicações, simples ou complexas, para certos problemas. Jerry Eskow, um dos sobreviventes do desastre do Jumbo L-1011 perto de Miami, até hoje nem tenta explicar como o vôo aparentemente seguro e tranqüilo acabou transformado num pesadelo de sangue e de morte. Rob e Sarah Elder são os autores do impressionante documentário, que revive, quase cinco anos depois, as circunstâncias dramáticas daquele *Desastre!* (pág. 114).

O passar do tempo cicatriza as feridas, apaga as mágoas? Não. Pelo menos, não para um homem que é capaz de sair de casa e atravessar o país para se vingar de ofensas sofridas 36 anos atrás. O autor desta história — *Meu Crime Perfeito,* pág. 46 — é Ray Bradbury, um mestre da fantasia. Outro mestre do gênero, Arthur Koestler, nos fala a respeito de uma conspiração de monstros lendários para dominar o mundo. São *As Quimeras* (pág. 90).

RAY BRADBURY


SARAH E ROB ELDER

ARTHUR KOESTLER

Fantasias mais comuns, das quais raros escapam, são as que envolvem questões ligadas ao sexo. A tendência predominante, em quase todo homem adulto, é achar que já sabe tudo sobre esse assunto. Mas, sabe *mesmo?* A partir da pág. 50 há um teste para você tirar a prova.

Já que estamos falando de fantasias, vamos soltar a imaginação, incluindo algumas perfeitamente realizáveis e todas muito apropriadas para esta época fria do ano. Imaginemos que você se disponha a realizar todas: primeiro, escolha as malhas para tornar mais atraente seu inverno (pág. 82); depois, convide sua garota para ajudá-lo a preparar um *Cassoulet* (pág. 100). Finalmente, imagine-se passeando com ela numa maravilhosa montanha gelada — um programa que incluiria um passeio de *Skimóvel* (pág. 58), um carrinho que "voa" sobre a neve. Bons sonhos, bom divertimento, boa leitura. E até julho.

MAVERICK 77: PARA GOSTAR

Maverick GT

Maverick LDO

DELE, BASTA CHEGAR PERTO.

Quem chega perto do Maverick 77 logo vê que ele está bem de acordo com o conceito do momento: racionalização. Isto significa economia sem abrir mão do conforto.

O Maverick 77 está muito mais espaçoso. Vale a pena fazer uma prova: vá a um Revendedor Ford e sente no banco traseiro de qualquer modelo da linha. Você vai ver o que é interior confortável e bonito, com os vários tipos de estofamento, as novas cores e opções monocromáticas, depois saia do carro e dê uma olhada na linha toda. A racionalização começa com um carro para cada tipo de família.

Ao lado do duas e do quatro portas estão mais dois modelos: o LDO e o GT 4 cilindros.

Apesar de o Maverick já ser econômico, a Ford preocupou-se em fazer alterações mecânicas que o tornaram mais econômico ainda.

Ele tem um novo sistema de freios com duplo circuito e uma suspensão mais firme, proporcionando maior estabilidade sem perder o conforto em pisos irregulares.

Com todas essas vantagens, o Maverick 77 vale cada cruzeiro que você paga por ele. Porque esse dinheiro retorna na forma de mais conforto, mais segurança e menor custo de manutenção garantido pelo seu moderno e econômico motor de 4 cilindros.

Dê uma boa olhada no Maverick 77 e você irá concordar conosco: para gostar dele basta chegar perto.

FORD MAVERICK Ford

Um passo à frente

Garanta o combustível de amanhã. Respeite os 80.

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

Diretor de Publicações Masculinas: Oswaldo de Almeida Filho

HOMEM
A REVISTA DO

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Mário Escobar de Andrade
Editor Executivo: Décio Bar
Editores: Fernando Pessoa Ferreira, Geraldo Galvão Ferraz, Wilson Palhares
Assistente de Redação: Junko Yamanaka
Pesquisa: Len Berg

ARTE
Chefe: Carlos Grassetti; **Assistentes de Arte**: Lúcio Seigi Segawa, Mauro Massayúki Kawamura, Bernadete Barbosa Durães

PRODUÇÃO
Produtor de Texto: Carlos Roberto da Costa
Secretário de Produção: Néio Lúcio C. Nobre
Coordenador de Produção: Paulo Sposito
Coordenadora de Publicidade: Sadako Sigematu

Colaboram neste número: Fabiano Villanova, Adalberto Cornavaca, Carlos Castello Branco, Ezequiel Neves, Fernando de Barros, Geraldo Mayrink, José Inácio Werneck, Marcelo Corção, Marco Antonio Rezende, Michel Laurence, Odillo Licetti, Pedro de Souza, Rubens Ewald Filho, Sérgio Cabral
Ilustradores: Afonso Giordano Neto, Alberto Naddeo, Avelino, Brad Holland, Carlos Brito, Claudio Morato, Charles Bragg, Christian Piper, Ellen Lanyon, Gilberto Miadaira, Hugh McMahon, Jayme Leão, Leroy Neiman, Natanael Longo de Oliveira, Roberto Negreiros

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio: Nélson Silva (chefe de redação), Wladimir Tavares de Lima (editor executivo), Eduardo Jorge Athayde, Elizabeth Romero, Oderfla S. Almeida, Regina Rito, Shirley C. O. Lima, Vera Lúcia S. Sastri (repórteres), Adhemar Veneziano, Aldyr P. Tavares, Italo C. Sani, Joel Maia e Lucio S. Marreiro (fotógrafos)
Brasília: Pompeu de Sousa (diretor), D'Alembert Jaccoud (chefe de redação), Carlos M. Dellape, Eliane Cantanhede, Álvaro Pereira, Hélio Marcos P. Doyle, Marinilda Carvalho, Carlos H. Almeida Santos, Suzana Veríssimo, Osvaldo Amorim, Valdimir Diniz, José Ribamar Oliveira Jr. (repórteres), Luiz Humberto, Marcos Santilli (fotógrafos)
Porto Alegre: Luís Cláudio Cunha (chefe de redação), Adélia Yates Silva, Pedro Vitorino Maciel (repórteres), Ricardo de Leone Chaves (fotógrafo)
Belo Horizonte: Carlos Lindenberg S. Castro (chefe de redação), Gleizer Correia Naves, Mario Lara Leite (repórteres), Célio A. Oliveira (fotógrafo)
Curitiba: Hélio Teixeira (chefe de redação), Amilton Vieira (fotógrafo), Pedro Franco
Recife: José Maria Andrade (chefe de redação), Eduardo J. M. Ferreira, Terezinha Nunes da Costa (repórteres), Clodomir Bezerra (fotógrafo)
Salvador: Carlos Libório (chefe de redação) Paolo Marconi, Carlos Otávio Batestti (repórteres), Antônio Andrade (fotógrafo)
Correspondentes, Paris: Pedro Cavalcanti, **Bonn**: Carlos Struwe, **Londres**: Jader de Oliveira, **Washington**: Roberto Garcia, **Nova York**: Odillo Licetti, **Tel-Aviv**: Alessandro Porro, **Genebra**: Claudius Ceccon, **Lima**: Augusto Montesinos, **Lisboa**: Sérgio de Oliveira, **Madri**: Eric Nepomuceno, **México**: Wladir Dupont, **Roma**: Marco Antonio de Rezende
Matérias internacionais: via Varig, Air France, Aerolineas Argentinas e British Caledonian Airways

SERVIÇOS EDITORIAIS
Diretor: Francisco Beltran/**Abril Press**: Judith Baroni (Gerente) e **Nova York**: Odillo Licetti (Gerente), 444 Madison Avenue, Room 2201, N.Y. 10022, telex EDABRIL 423-063, tel. (212) 688-0531 **Paris**: Pedro de Souza - 214, Rue de la Convention - Phone: 250-9277 - França - **Milão**: Lydia Strafurini - Via Setembrini 45 - 20124 Milano - Phone: 278-659 - Telex: 34070 - Itália/**Documentação**: Antonio A. Ferreira, Dilico Covizzi, Giselda Leiner, Jany C. Raschkovsky, Julio Cezar Garcia, Lauro Augusto C. M. Coelho, Lilian Baroni, Lizete T. Menezes, Maria Aparecida S. Marzo, Maria Ines Zanchetta, Marilia S. J. Franca, Marion A. Frank, Paulo R. Ribeiro, Rita M. Marques, Rosania P. Santos, Sheila Ribeiro, Solange Padilha, Suzana C. Kfouri, Vicente Roig **Estúdio Abril**: Olga Krell (Diretora)/**Cartografia**: Gilberto Paschoal (Gerente)/**Laboratório Fotográfico**: Jussi Lehto (Gerente)

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Sergio Benedicto Rosa
Supervisor de Publicidade: Efraim C. Kapulski
Representantes: Armando de Arruda Sampaio Filho, João de Mattos Smith Jr., C. J. de Rocha Pitta, Mozalt Fidelis da Silva, Norberto Cagnacci, Renato Bertoni, Carlos Criscuolo.
Gerente de Projetos Especiais: Renato Torres de Mello
Promoção e Propaganda: José Carlos Mádio
Gerente Administrativo: Alexandre Daunt Coelho

ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Belém, sub-gerente: José Maurício Alves Fernandes
Belo Horizonte, gerente: Marisa Tavares Parreiras
Brasília, gerente: Luiz Edgard P. Tostes
Porto Alegre, gerente: Kleber Vieira Buhr
Recife, gerente: Edmundo Morais
Rio, gerente: Alvaro Ceciliano Fº
Representante: Juracy Costa
Curitiba, gerente: Aldo Schiochet
Florianópolis, sub-gerente: Geraldo Nilson de Azevedo
Diretor de Publicidade e Escrit. Regionais: Sebastião Martins

Diretor Responsável: Alexandre Daunt Coelho

HOMEM
A REVISTA DO

ANO II N.º 23

Divórcio, pág. 122

Patti, pág. 36

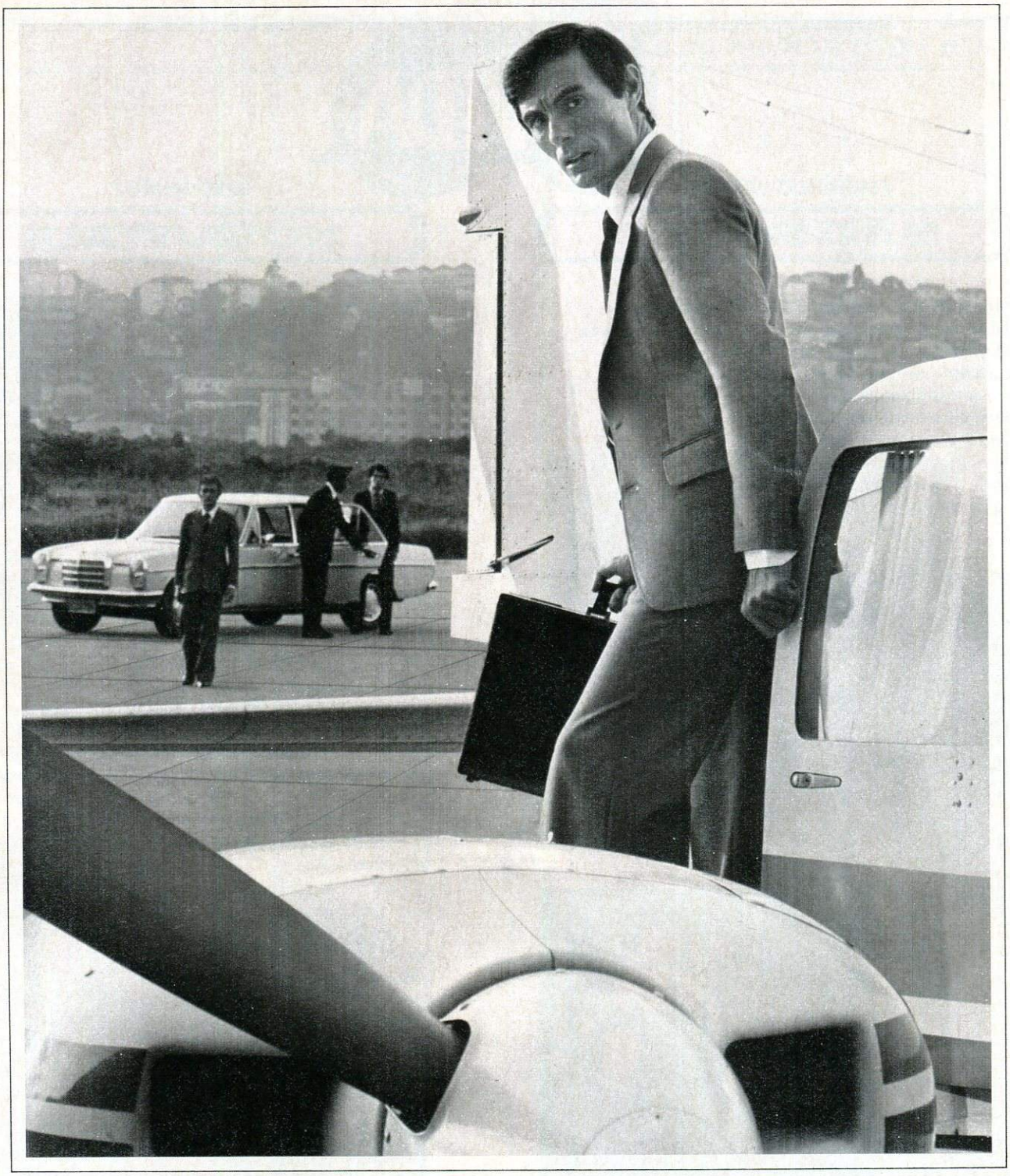
Oto Glória, pág. 110

CAPA: PATTI MCGUIRE. FOTO DE POMPEO POSAR		
DE HOMEM PARA HOMEM		3
DOCE VIDA		8
PONTOS DE VISTA		10
ASSESSORIA		14
BAZAR		16
LIVROS	GERALDO GALVÃO FERRAZ	18
CINEMA	RUBENS EWALD FILHO	20
MÚSICA BRASILEIRA	SÉRGIO CABRAL	22
MÚSICA INTERNACIONAL	EZEQUIEL NEVES	24
POLÍTICA	CARLOS CASTELLO BRANCO	26
DRIVE-INS-humor	CACO BARCELOS	28
PATTI, A PLAYMATE DO ANO **mulher**		36
MEU CRIME PERFEITO **ficção**	RAY BRADBURY	46
VOCÊ SABE TUDO SOBRE SEXO, MESMO? **teste**		50
SKIMÓVEL - viagem		58
ROSE LANE **poster**		64
O SEGREDO DA COSTUREIRA **lenda**		74
QUERO MULHER. PEÇO DEFERIMENTO. **ficção**	DEONÍSIO DA SILVA	76
NO CALOR DA MODA **moda**		82
ESTAGNAÇÃO OU INFLAÇÃO? **artigo**	PAUL SAMUELSON	86
AS QUIMERAS **ficção**	ARTHUR KOESTLER	91
CASSOULET **comida**		100
ROBINA **mulher**		103
VOCÊS QUEREM MAIS GOLS? **depoimento**	OTO GLÓRIA	110
DESASTRE! **documentário**	ROB E SARAH ELDER	114
E O DIVORCIADO, COMO FICA? **pesquisa**		122
EM CARTAZ		128
CARLOS MANGA **entrevista**		130
SEXCINEMA		138
AS PIADAS DE HOMEM		140

A Revista do HOMEM é uma publicação da Editora Abril Ltda./**Grupo Masculino/Redação, Publicidade, Administração e Correspondência**: av. Otaviano Alves de Lima, 800, tels.: 266-0011 e 266-0022/CEP 01390, caixa postal 2372, telex 011-22094 e 011-22115, São Paulo/**Escritórios: Belém**: r. XV de Novembro, 226, sala 1313, Edifício Chamié, fone: 22-5507 **Belo Horizonte**: av. Álvares Cabral, 908, tels.: 337-0351 335-0163, telex 031-1085, telegramas: Abril Press/**Brasília**: SCS Projetada, 6, edifício Central, 12.º andar, salas 1 201/8, tels.: 24-9150 e 24-7116, telex: 061-1464, telegramas: Abril Press/**Curitiba**: r. Marechal Floriano Peixoto, 228, edifício Banrisul, 9.º andar, conjs. 901/2, tels: 23-0262 e 22-9541, telex: 041-5278, telegramas: Abrilpress/**Florianópolis**: r. Felipe Schmidt, 51, Galeria Jacqueline n.º 4, sala 201, fone: 22-8630 **Porto Alegre**: r. Vieira de Castro, 285, tels.: 23-9502 e 23-9446, telex: 051-1092, telegramas: Abrilpress/**Recife**: r. Siqueira Campos, 45, edifício Lygia Uchoa Medeiros, conjs. 204/5, tel.: 24-4997, telex: 081-1184, telegramas: Abrilpress/**Rio de Janeiro**: r. do Passeio, 56, 6.º/11.º andares, tels: 244-2022, 244-2107 e 244-2152, caixa postal 2372, telex: 021-22674/**Salvador**: r. Itabuna, 304, Parque Cruz Aguiar, bairro do Rio Vermelho, tel.: 70-580, telegramas: Abrilpress/**Distribuidor nos EUA**: M&Z Representantes, 112 Ferry Street, Newark, N. J. 07105, tel.: (201) 589-2794/Preço do exemplar avulso: o constante na capa/Preço da assinatura: mesmo do exemplar avulso, mais o frete registrado de superfície ou aéreo, multiplicado pelo número de edições do período desejado (máximo de um ano, mínimo de seis meses)/Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais/Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo: av. Tiradentes, 1 391, tel. 227-5636; r. São Domingos, 212/214, s/loja, tels. 37-1665 e 370903; r. Antonio de Barros 841, tel. 296-8812; r. João Pereira, 197, tel. 260-4460; r. Clodomiro Amazonas, 896, tel. 543-4207; r. Domingos de Moraes, 1851, tel. 71-3501; r. Barão de Campinas, 452, tel. 221-1867; r. Diapoque, 91/99, tel 92-1446; no ABC: av. Industrial, 117 (Santo André), tel. 449-0411; no Rio de Janeiro: r. Sacadura Cabral, 141; pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo/Temos em estoque somente as últimas seis edições/Todos os direitos reservados/Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo. **A Revista do HOMEM** não admite publicidade redacional/As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas pela revista, podendo ser até contrárias às mesmas. Registrada na D.C.D.P. do D.P.F. sob o n.º 1439 — P. 209/73

1977 Editora Abril
© 1968, 1969, 1970, 1971, 1975, 1977 PLAYBOY as to material published in the February, April, June, November, December 1968, May 1969, September 1970, August 1971, March 1975, April, June 1977, English language issues of PLAYBOY. © 1977 PLAYBOY as to material published in the February, April 1977 German language issues of PLAYBOY. PLAYBOY as to material published in the PB Cartoon Album n.os 1, 3, 4 e 5

SSCAB UNITAS BRASIL



Decisivamente marcante como sua presença

eXecutive
ATKINSONS

Men's Cologne. After Shave. Shaving Foam. Deodorant. Soap for Men.

Este é o primeiro importado feito no Brasil.

O Alfa Romeo 2300 TI não tem opcionais: está tudo incluído.

Este é o único carro brasileiro projetado e construído especialmente para o mercado europeu. Ele tem características que nenhum outro carro no Brasil e poucos carros em todo o mundo podem oferecer.

Isso é tão verdade que ele simplesmente não tem opcionais. Tudo o que pode aumentar sua segurança, conforto e prazer de dirigir já foi incluído como equipamento de série.

TI quer dizer Turismo Internacional. Entre para confirmar.

Inicialmente é bom saber que muitas das coisas que você vai encontrar neste carro são únicas, exclusivas. Por exemplo, o painel de instrumentos, que ganha fácil o título de mais completo, mais sofisticado e mais bonito do país.

Ele tem um quadro de instrumentos (inclusive relógio de quartzo) protegido por uma lâmina transparente que evita reflexos. Cada instrumento vem equipado com uma luz-testemunha, que se acende em qualquer irregularidade, dando a você duplo controle: o registro do instrumento e a advertência da luz.

E para uso noturno, o painel tem iluminação difusa regulável. Ela é anti-reflexos, vantagem que nenhum outro carro nacional pode contar.

Sente-se, por favor. Os bancos reclináveis são de veludo e têm novo desenho, que dá ainda mais espaço e conforto a todos os passageiros.

O novo isolamento termoacústico vai separar o seu prazer de dirigir das vibrações, ruídos e variações de temperatura. Agora, olhe para a frente sem óculos de sol. Os vidros são atérmicos, protegem você da claridade e calor excessivos.

Depois, observe os outros detalhes exclusivos:
aquecimento interno e ar condicionado com dutos especiais para o banco traseiro; volante de direção ainda mais macio, com altura regulável na própria coluna, rádio AM/FM com toca-fitas stereo, dois alto-falantes e antena elétrica. Para você ter todos os comandos à mão, eles foram centralizados na coluna de direção. E para sua comodidade os pedais agora são suspensos e o freio de mão foi colocado entre os bancos dianteiros.

Se começar a garoar, use o limpador de pára-brisas com temporizador. Se o pára-brisas sujar, experimente a bomba elétrica do esguicho de água.

Finalmente, uma palavrinha para os fumantes: vocês nunca ficarão no escuro porque o Alfa Romeo 2300 TI tem isqueiros e cinzeiros iluminados.

Performance e segurança. A Alfa Romeo sempre foi famosa por isso.

O Alfa Romeo 2300 TI é o único carro brasileiro com 5 marchas à frente, sincronizadas. Sua suspensão rebaixada tornou-o ainda mais seguro, macio, estável e bonito.

O motor foi construído para apresentar grande performance e economia. O resultado está aqui: 149 CV, torque de 23 kgm, 2 carburadores duplos, duplo comando de válvulas, câmaras de combustão hemisféricas, válvulas de escapamento resfriadas a sódio e 9 quilômetros por litro de gasolina comum. Aliás, quando os outros param para reabastecer, ele continua, porque só ele tem um tanque de gasolina para 100 litros (900 km de autonomia).

No item segurança você vai ver que nós incorporamos as mais importantes normas internacionais.

Primeiro, uma palavrinha sobre a carroceria: ela é de estrutura diferenciada, o que significa que as extremidades do carro absorvem impactos enquanto que o compartimento dos passageiros é rígido para protegê-los.

Mas isso é só o começo: as maçanetas são embutidas, os cintos de segurança são de três pontos, e tanto os bancos da frente como os de trás têm apoio para a cabeça. Nos bancos dianteiros, os apoios são reguláveis na altura e na inclinação.

A coluna de direção é antichoque e os freios a disco nas quatro rodas têm modulador de frenagem, que evita o travamento das rodas traseiras em qualquer situação.

Pensando nas crianças, incluímos um dispositivo muito importante nas portas traseiras: quando acionado, elas só podem ser abertas pelo lado de fora.

E para encerrar o assunto com segurança, os quatro faróis são biodo e os pneus são radiais.

Só falta você saber que além de potente e seguro ele também ficou mais bonito.

A traseira ficou mais elegante com os novos pára-choques envolventes. A área frontal foi reestilizada: as lanternas foram incorporadas ao pára-choque e a grade dianteira ganhou dois frisos esportivos. O último toque foi a colocação do "quadrifoglio" símbolo tradicional da qualidade Alfa Romeo.

Aproveite que os europeus são muito exigentes.

Agora você já pode matar a saudade da performance e sofisticação dos importados. Basta comprar um Alfa Romeo 2300 TI. O primeiro importado feito no Brasil.

Primeiro e único.

Alfa Romeo 2300TI

ST. MORITZ. O CIGARRO, A CIDADE.

DESCUBRA POR QUE NEM TODO MUNDO CONHECE O SABOR DE ST. MORITZ.

Somente em St. Moritz, a cidade, você encontra ambientes em que o bom gosto chega a ser exclusivo. Somente em St. Moritz, o cigarro, você tem o requinte do "gold band" e a uma ponta de seda não aderente comparáveis à sofisticação da cidade.

Somente em St. Moritz, a cidade, você encontra o requinte de uma casa de jóias como a Grübelin.

Somente em St. Moritz, o cigarro, você encontra toda a satisfação que só uma mistura internacional de fumos suaves pode oferecer.

St. Moritz 100, o primeiro do mundo com filtro Gold Band, e St. Moritz 85mm, o único cigarro com ponta de seda não aderente, são resultado dos mais nobres fumos rigorosamente selecionados.

EXIGIR O MELHOR EM TUDO SEMPRE CUSTOU UM POUCO MAIS.

Em junho COMPRE POP E GANHE

★ uma cinqüentinha Yamaha
★ uma Mobylette Caloi
★ 10 capacetes Induma

E muito mais:

- GRÁTIS! POSTER GIGANTE NO HIT-POP ESPECIAL. GENESIS
- Viagem a San Francisco aonde o sonho não acabou.
- Toda a rebeldia do Punk Rock.
- Namorados: um jeito novo de curtir uma festa antiga.
- As novas máquinas nacionais e suas fichas técnicas.
- Tudo aquilo que sempre te esconderam sobre o sexo.
- Pra gente esquiar, a neve é de plástico.
- Gil: "A África mexeu com a minha cabeça!
- Humor: Rita Lee arrombando a festa.

Abra POP e deixe a alegria entrar

Em todas as bancas

Chegou o novo equipamento estéreo Philips.
Bem que estava na hora de alguém dar uma sacudida no mercado de som.

Atualmente, dar uma sacudida no mercado de som não é das coisas mais fáceis.

Só mesmo um equipamento perfeito tecnicamente, com ótimos recursos e mil e uma bossas é capaz de uma façanha como essa.

O equipamento Philips que você está vendo neste anúncio é uma dessas raras aparições que logo vão tomando conta do mercado.

O "receiver" RH 745, dotado de um amplificador de 25 watts totais de potência, traz para você uma das mais sensacionais novidades dos últimos tempos: a Ambiofonia.

Um sistema super-avançado cuja principal virtude é a de proporcionar maior realismo na reprodução do som através de duas ou quatro caixas acústicas simultaneamente.

Além disso, o RH 745 apresenta um sintonizador com FM estéreo acompanhado de mais três faixas de onda. E excelentes recursos como o Controle Automático de Freqüência em FM e tomadas para toca-discos e gravador.

Complementando o novo equipamento de som Philips, existe o toca-discos GA 161. Um aparelho de alta precisão que não fica só neste "design" lindo aí da foto.

Ele incorpora a mais moderna tecnologia que existe, oferecendo braço tubular com contra-peso, agulha de diamante e duas opções de funcionamento: automático ou manual.

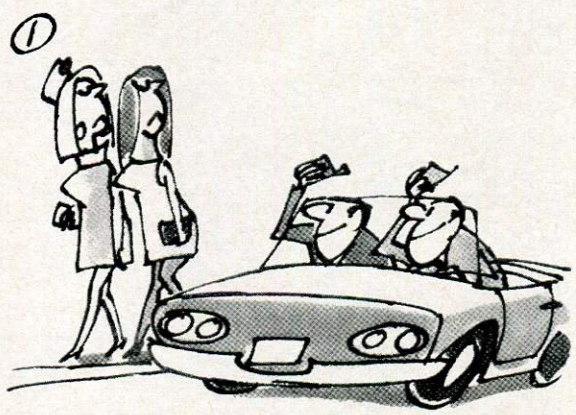
Leve para sua casa a sofisticação do novo equipamento Philips.

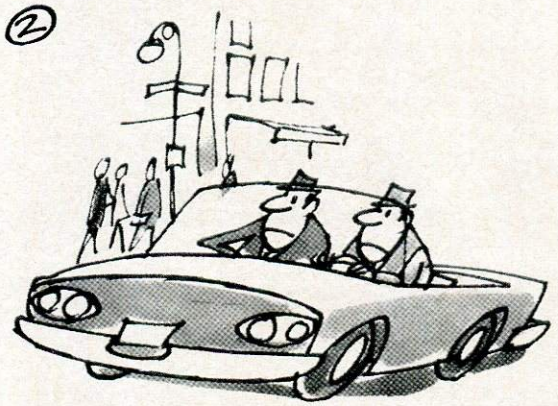
É bom não esquecer que um aparelho capaz de sacudir o mercado de som não aparece todo dia.

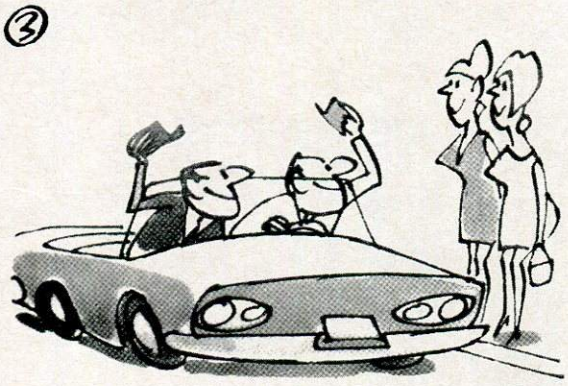
PHILIPS

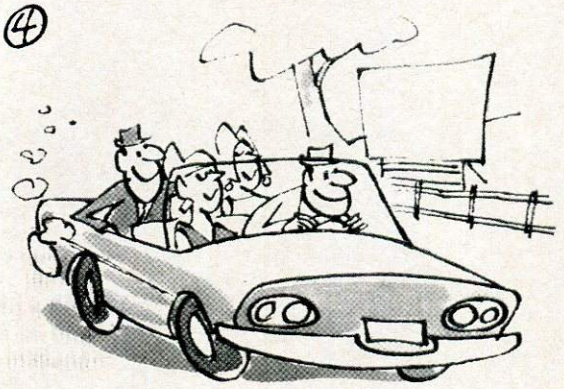
PHILIPS

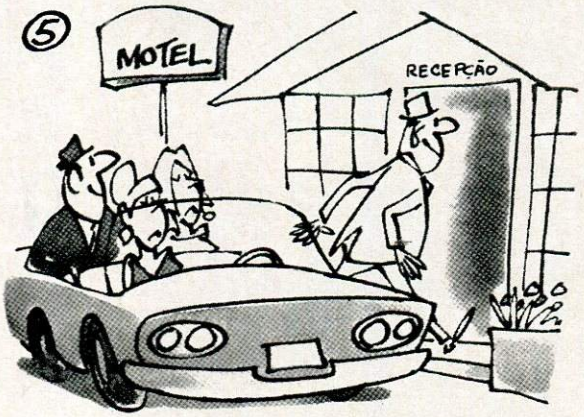
PROMO 9 · 76 · 28









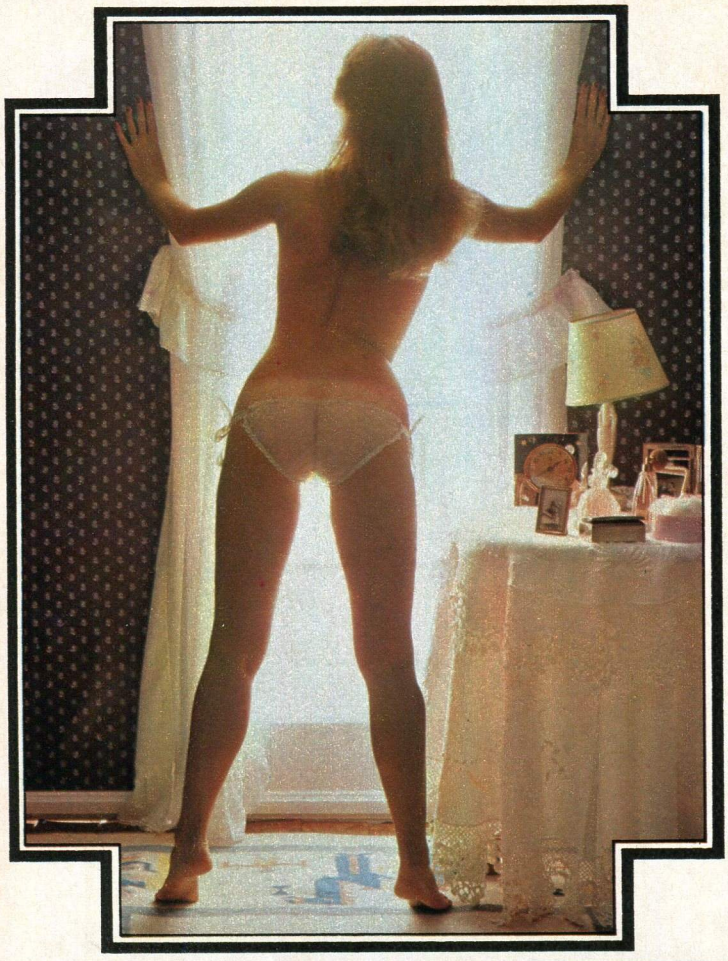

MOTEL
RECEPÇÃO

a playmate do ano

PATTI

convida vocês para uma volta pela sua intimidade

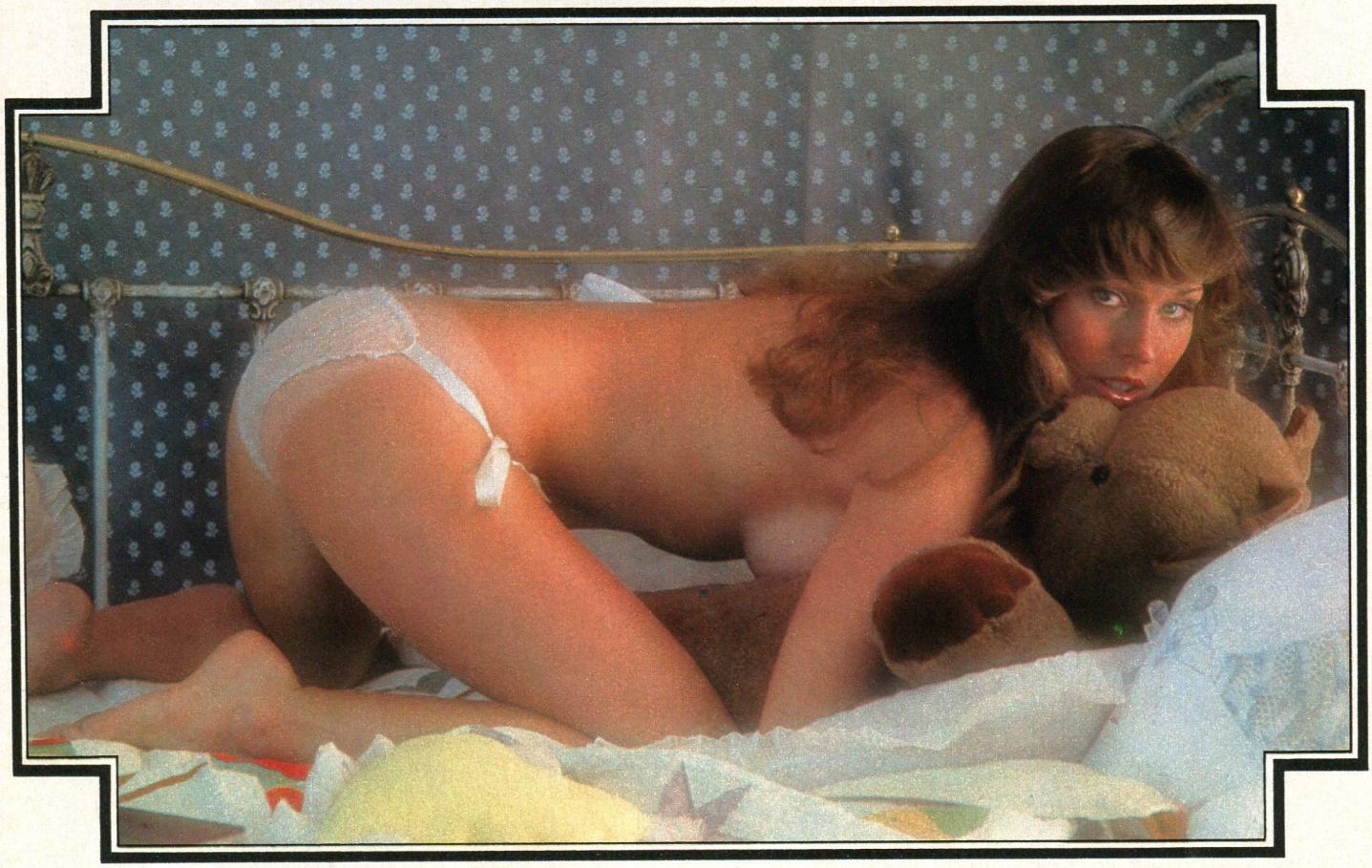
FOTOS/POMPEO POSAR



Patti ganhou um carro e outros prêmios pela vitória. Agora só falta um namorado

Em eleições livres e diretas, os editores de *Playboy* escolheram, numa unanimidade que não chega a surpreender (dê uma olhada nas fotos, por favor), Patti McGuire como a Playmate do Ano. É com esse título de melhor garota do respeitável time de ocupantes do poster durante os doze meses de 1976, que ela volta às nossas páginas. Não se lembra? Em **Homem** de abril, homem de pouca memória!

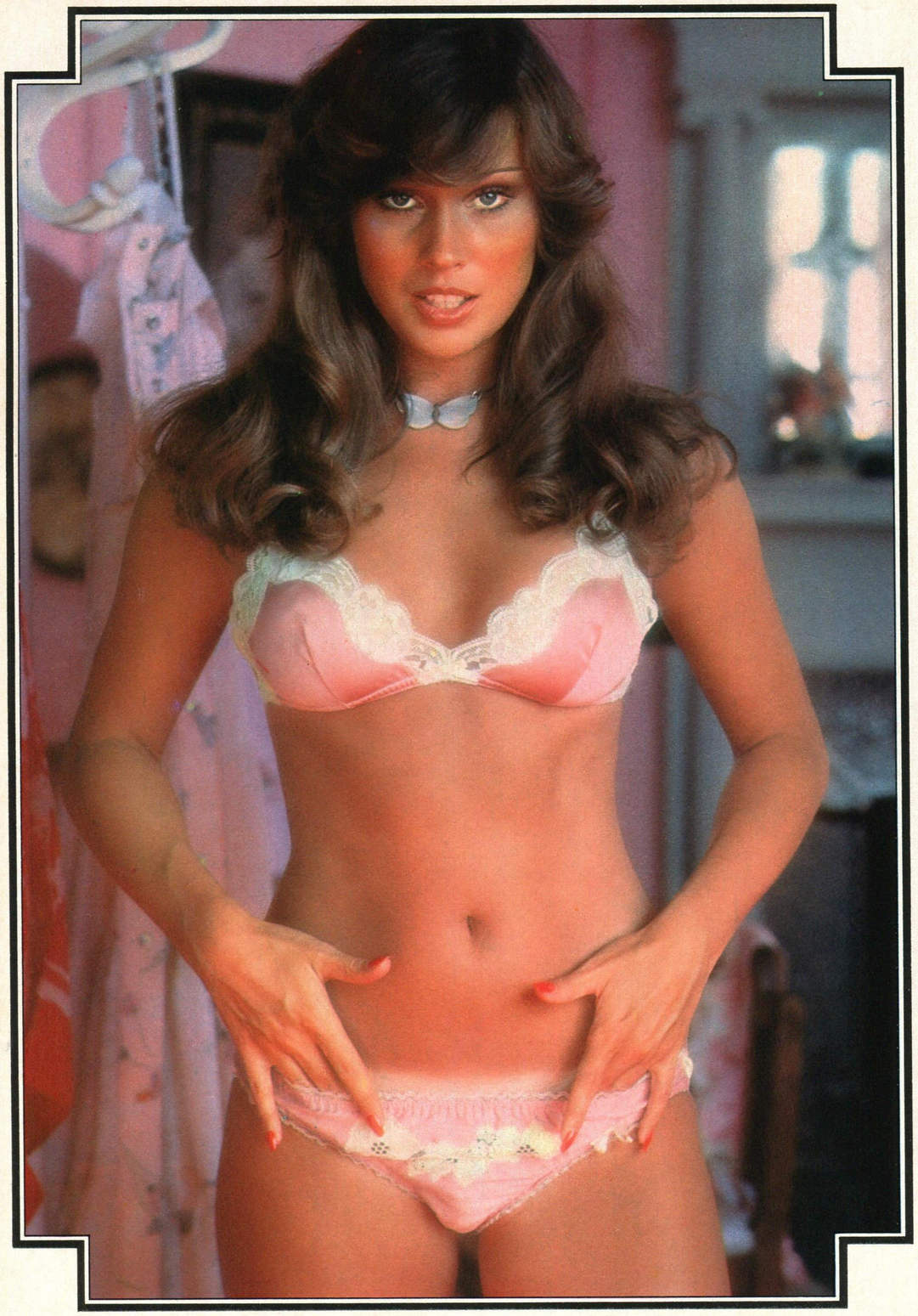
Bem, cá estamos. Nós e Patti. A sós. Quer dizer na cama ainda ficou o urso de pelúcia, sem o qual Patti não consegue dormir Ela brinca e nos fixa com essa expressão de ingênua libertinagem, certamente responsável por sua eleição tão unânime pelo staff da *Playboy*.



Reparem nos olhos dela. E em quantas promessas incríveis eles nos fazem

Patti não quer muita conversa. Veste-se sem pressa, cada gesto seu oculta dos nossos olhos uma parte de seu corpo. Poderíamos até lamentar isso, não fosse Patti insinuar, cada vez mais, uma promessa. Desmentindo o seu vestir ou a falta de palavras carinhosas.

Nos olhos de Patti, podemos ler que tudo aquilo que já aconteceu será ofuscado pelo muito que nos espera.

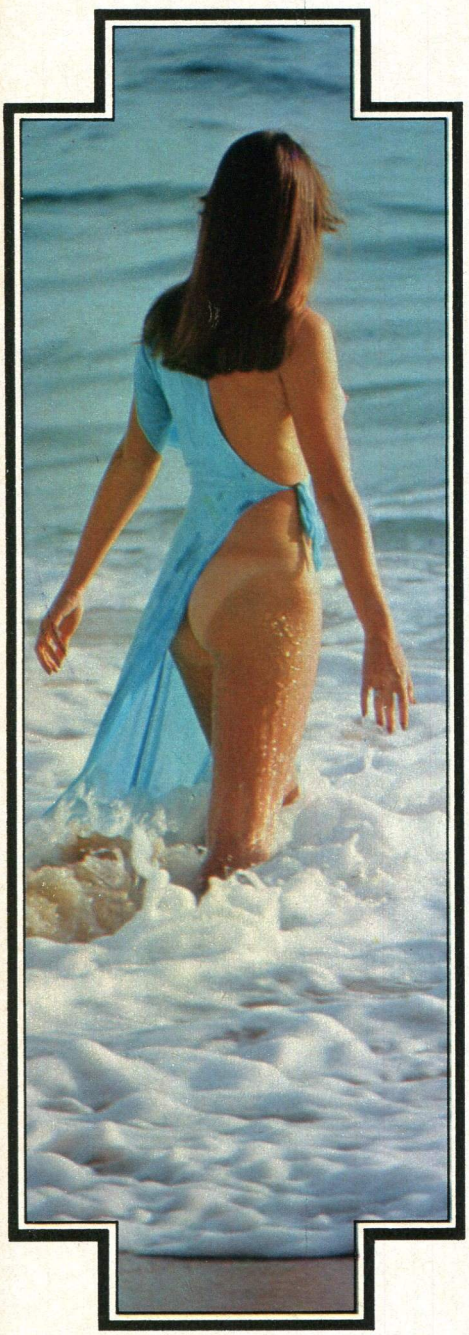


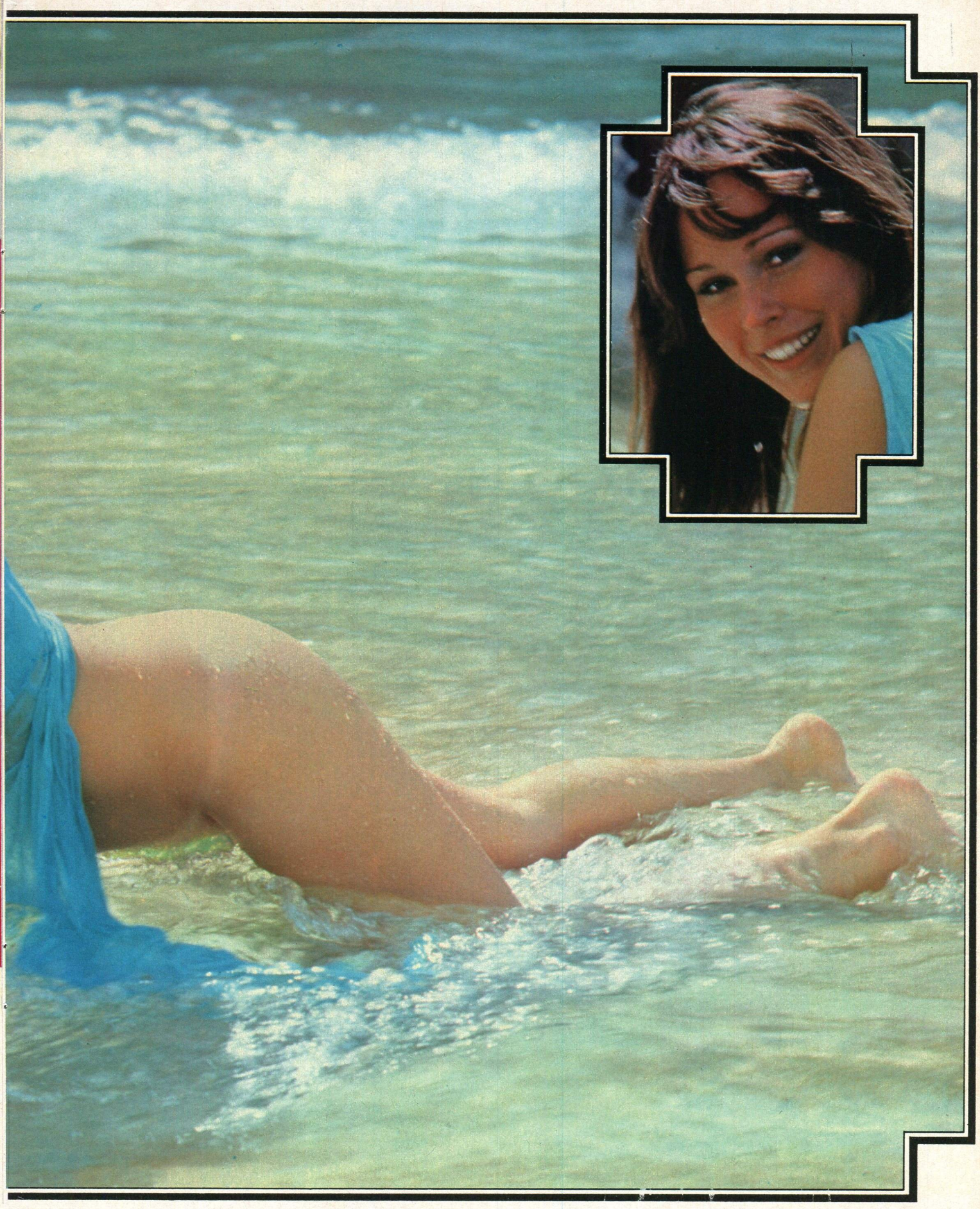
Reparem nos olhos dela. E em quantas promessas incriveis eles nos fazem

Patti não quer muita conversa. Veste-se sem pressa, cada gesto seu oculta dos nossos olhos uma parte de seu corpo. Poderíamos até lamentar isso, não fosse Patti insinuar, cada vez mais, uma promessa. Desmentindo o seu vestir ou a falta de palavras carinhosas.

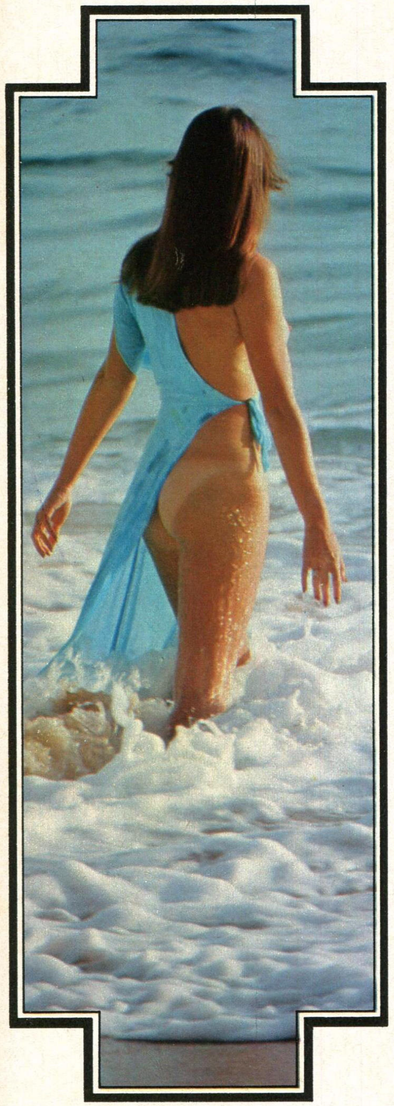
Nos olhos de Patti, podemos ler que tudo aquilo que já aconteceu será ofuscado pelo muito que nos espera.

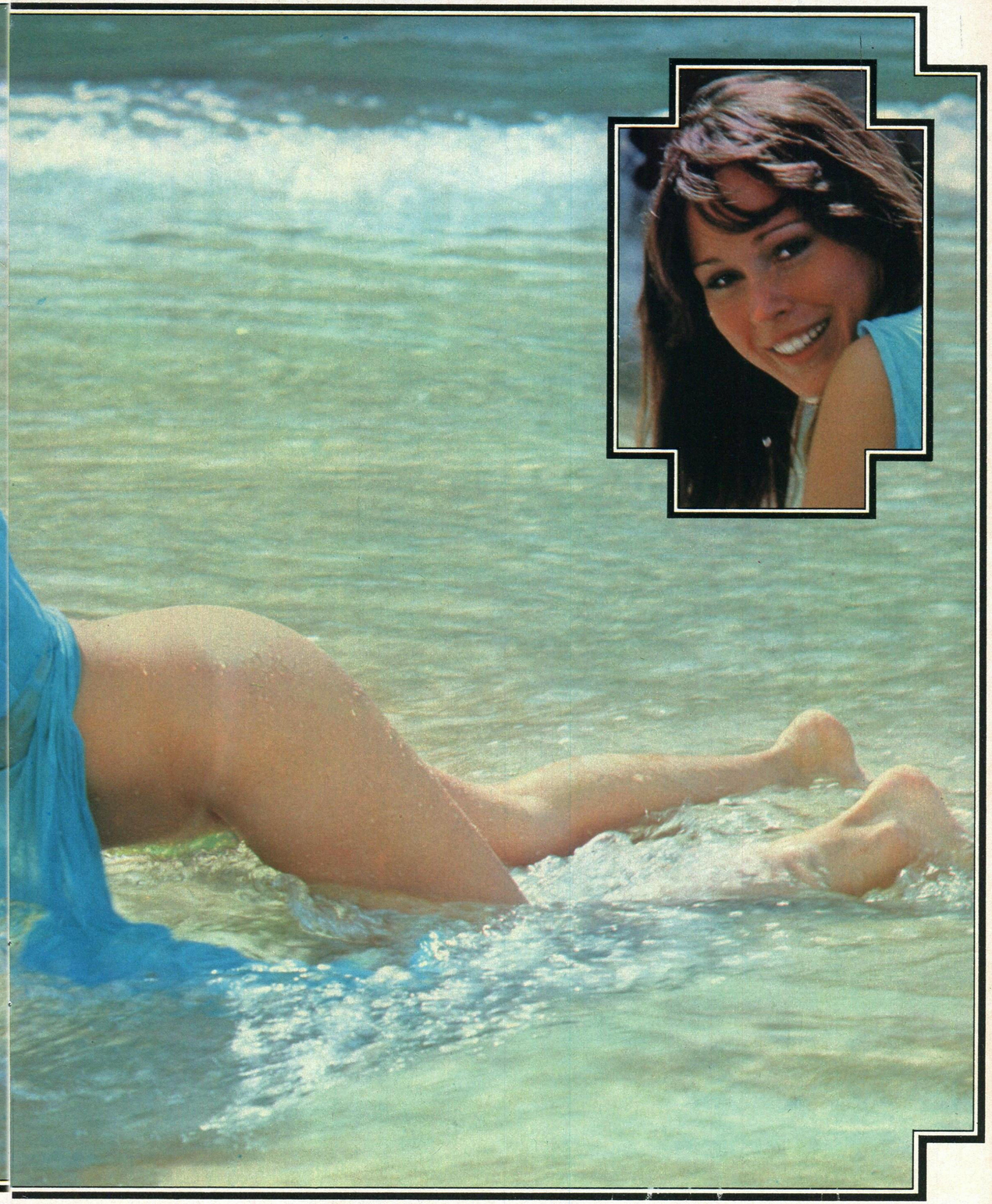
"Enquanto eu posava, um pelicano ficou horas olhando meu corpo nu"





"Enquanto eu posava, um pelicano ficou horas olhando meu corpo nu"





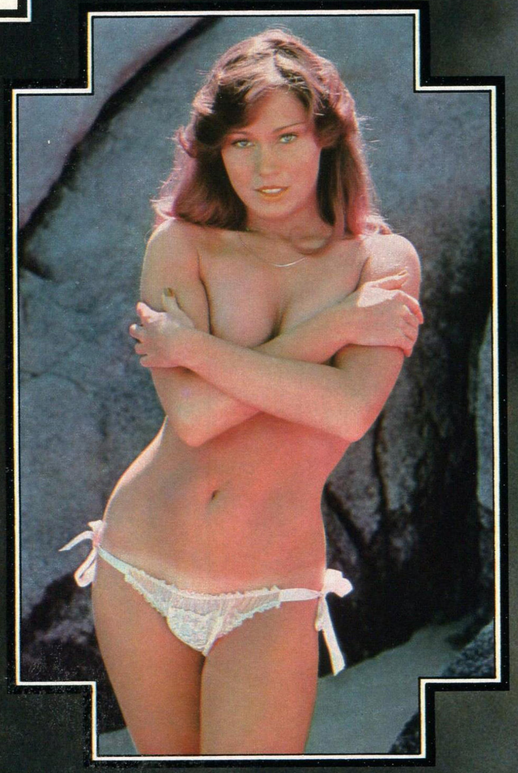
"A areia,
o mar me fascinam;
ainda
mais se posso
passar uma semana
nua sob o sol"

Patti e sua túnica diáfana seguem mar adentro, sob nosso olhar hipnotizado. O vento, cúmplice amável, revela-nos o corpo molhado pela espuma das águas. E Patti, como que esquecida da nossa presença, é novamente a menina que ia à Flórida no período de férias e levava pitos da mãe porque não queria sair da água.

Quando, finalmente, ante nossas súplicas, ela sai da água, a túnica leve, sim, muito leve, já ficou como sensual oferenda ao mar. Patti nos encara com esse olhar e tudo está dito. Não é preciso acreditar no súbito pudor com que ela cruza os braços sobre os seios. Patti quer cumprir toda a promessa que insinuou antes.

A areia é fina e aconchegante nesta praia de uma ilha deserta, onde apenas se ouvem os gritos distantes de aves marinhas e o marulho suave. Patti se estende sobre a areia. O cabelo cai sobre seus ombros, ela está quase pronta. Pequenas depressões na areia marcam os lugares onde ela apoiou os joelhos e os cotovelos nus. Como ela inteira, se oferecendo ante nós.

Agora, não há mais ilha deserta, nem praia remota, ou gritos de aves. Só o calor do sol que nos envolve. Cá estamos. Nós e Patti. A sós.



"A areia, o mar me fascinam; ainda mais se posso passar uma semana nua sob o sol"

Patti e sua túnica diáfana seguem mar adentro, sob nosso olhar hipnotizado. O vento, cúmplice amável, revela-nos o corpo molhado pela espuma das águas. E Patti, como que esquecida da nossa presença, é novamente a menina que ia à Flórida no período de férias e levava pitos da mãe porque não queria sair da água.

Quando, finalmente, ante nossas súplicas, ela sai da água, a túnica leve, sim, muito leve, já ficou como sensual oferenda ao mar. Patti nos encara com esse olhar e tudo está dito. Não é preciso acreditar no súbito pudor com que ela cruza os braços sobre os seios. Patti quer cumprir toda a promessa que insinuou antes.

A areia é fina e aconchegante nesta praia de uma ilha deserta, onde apenas se ouvem os gritos distantes de aves marinhas e o marulho suave. Patti se estende sobre a areia. O cabelo cai sobre seus ombros, ela está quase pronta. Pequenas depressões na areia marcam os lugares onde ela apoiou os joelhos e os cotovelos nus. Como ela inteira, se oferecendo ante nós.

Agora, não há mais ilha deserta, nem praia remota, ou gritos de aves. Só o calor do sol que nos envolve. Cá estamos. Nós e Patti. A sós.

Tudo sobre sexo
AS DELÍCIAS DO SEXO

ski-doo
POLARIS

ESPORTE

CONHEÇA TODOS OS PRAZERES DO VERTIGINOSO ESPORTE DE INVERNO QUE ESTÁ NA MODA:

SKIMÓVEL

FOTOS/ALEXAS URBA

Um esporte especial para quem sonha com férias de inverno diferentes: o skimóvel. Um cruzamento de moto com trenó, próprio para duas pessoas. Quem já andou num skimóvel, confessa que a neve nunca mais foi a mesma. Façamos pois, uma incursão alegre ao mundo do skimóvel, onde a neve é um cenário permanente em qualquer época do ano. Tomem seus lugares, vamos partir!

ESPORTE

CONHEÇA TODOS OS PRAZERES DO VERTIGINOSO ESPORTE DE INVERNO QUE ESTÁ NA MODA:

SKIMÓVEL

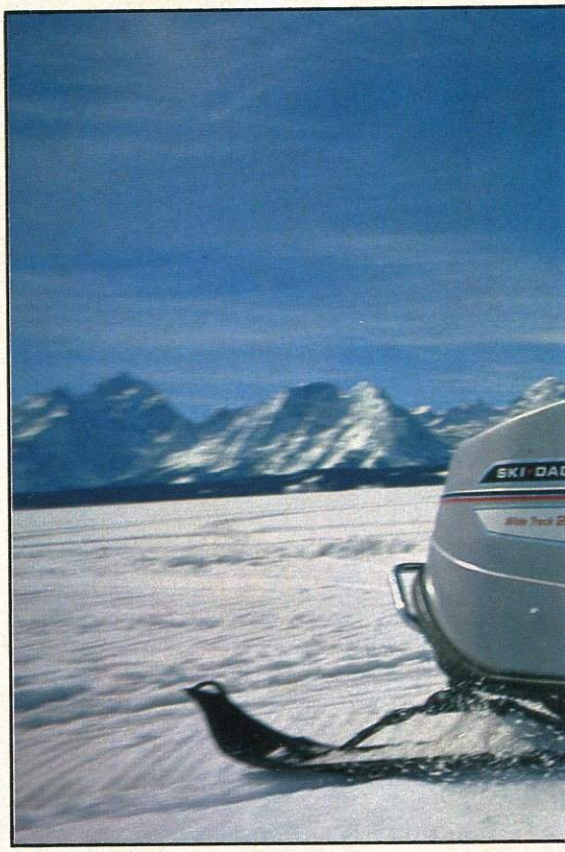
FOTOS/ALEXAS URBA

Um esporte especial para quem sonha com férias de inverno diferentes: o skimóvel. Um cruzamento de moto com trenó, próprio para duas pessoas. Quem já andou num skimóvel, confessa que a neve nunca mais foi a mesma. Façamos pois, uma incursão alegre ao mundo do skimóvel, onde a neve é um cenário permanente em qualquer época do ano. Tomem seus lugares, vamos partir!

A 50 KM/H NA NEVE, VOCÊ PENSA QUE ESTÁ A NADA MENOS QUE 80 KM/H

O cenário é o Parque Nacional de Grand Teton, no Estado do Wioming, no norte dos EUA. Com o nosso são seis skimóveis (ou skimóbiles, como preferirem), empenhados numa corrida de tirar o fôlego. Na retaguarda, segue um skimóvel-gigante, para dez pessoas, onde estão as garotas que cuidam da cronometragem e do excelente estoque de comidas e bebidas selecionadas para conforto e recuperação dos corredores.

Partimos no estilo Le Mans. Agora, você pode começar a sentir as emoções do esporte: com um par de braços femininos enlaçados na sua cintura, avançar neve adentro é um prazer indescritível, com o silêncio rompido apenas pelo ruído do motor de 15 HP — que nos leva à velocidade média de 40 km/h. A paisagem incrível de picos nevados e altos pinheiros é eterna, esplendorosamente imutável, aqui em Grand Teton, como nos outros grandes centros de skimóvel, os Estados de Wisconsin Minnesota e Michigan — todos dotados de pistas de snowmobiles sobre lagos gelados. Para ir a Grand Teton, você gasta uma média de 589 dólares até San Francisco, e mais 45 dólares de ônibus até o parque. Enquanto você avança cortando o gelo, pode imaginar que está se integrando num ambiente muito exclusivo, o dos corredores de skimóvel — uns poucos felizardos, hoje em dia. Nem sempre foi assim, porém: desde 1933, há skimóveis



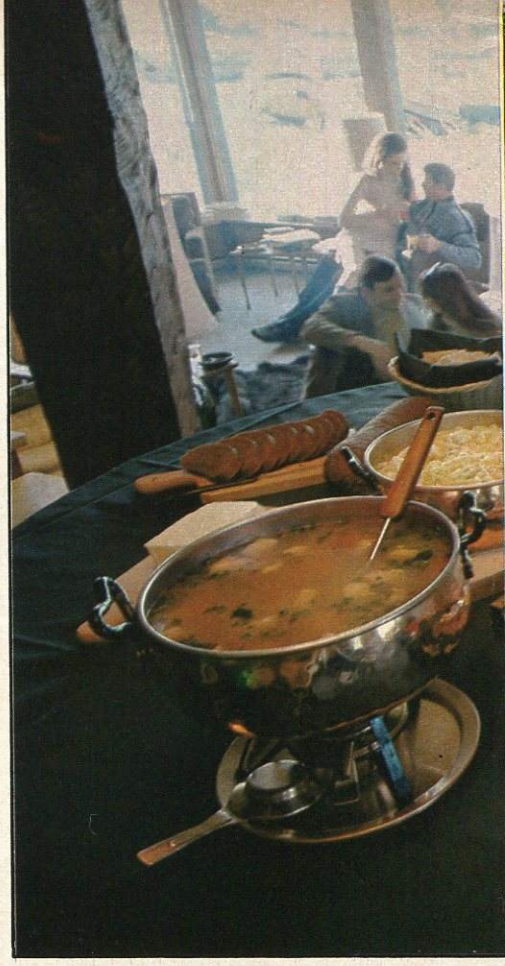
Na partida, o Evinrude Skeeter (acima) dá um salto e parte na frente de todos.

correndo sobre o gelo, primeiramente como meio de transporte dos lenhadores. E esses veículos já foram até o Pólo Norte, em 1968, quando quatro aventurescos praticantes do esporte levaram 44 dias na realização de tal proeza.

Na verdade, para viajar de skimóvel, o único problema — além de uma eventual falta de gasolina — é a espessura do gelo, que nunca deve ser menor que 15 cm. O melhor portanto, para quem desejar evitar dores de cabeça, é escolher uma pista já apropriada para a prática do esporte, com um bom número de postos de gasolina.

Para a escolha de veículo, há mais de quarenta marcas de skimóvel em produção comercial ao seu dispor. Só quando você quiser algo muito especial é que precisará encomendar um com antecedência. Pois há modelos com acessórios tais como partida elétrica, freios automáticos, carroceria de fiberglass, etc.

A potência do motor pode, em casos extremos, chegar a 56 HP, mas esses tipos só são



Após a corrida, a ação recomeça com uma conversa íntima ao pé do fogo. Depois . . .

O SKIMÓVEL É EMPOLGANTE: VOCÊ ATÉ VOA NELE. MAS TOME CUIDADO COM OS BURACOS

aconselháveis para profissionais — para eles há, inclusive, o Campeonato Mundial, em Eagle River. Há skimóveis desde Cr$ 8 mil até Cr$ 12 mil, dependendo dos fatores apontados. Alguns dos mais procurados são o Ski-Doo Olympic 320, o Evinrude Skeeter, o Yamaha SL-351 e o Polaris Mustang. E você nem precisa comprá-los: nas grandes áreas de pistas, como Grand Teton ou Eagle River, há skimóveis para alugar e instrutores que revelam os segredos do esporte. Que não são muitos, como você está vendo.

As alavancas colocam os esquis da frente da máquina na direção que você quiser; barras bem localizadas servem de freio e acelerador. Importante é saber que você deve inclinar o corpo na direção em que for virar, exatamente como acontece numa moto.

Cuidado também com o que a neve pode ocultar: troncos, pedras, galhos, buracos, que podem fazer o skimóvel capotar.

A grande curtição do snowmobile é voar com ele, de elevações para terrenos mais planos. E você pode fazer isso sem susto: a neve garante uma feliz aterrissagem.

Uma atração extraordinária do snowmobile é o fato de ele ganhar muito em estabilidade, com perda mínima de força, quando tripulado por duas pessoas.

No mais, é só usar os macetes dos corredores: seguir as trilhas de outros skimóveis dá mais velocidade ao seu; pontos de neve porosa e profunda também devem ser aproveitados. Então, quando você nem imagina, abaixam uma bandeira. Você ganhou a corrida.

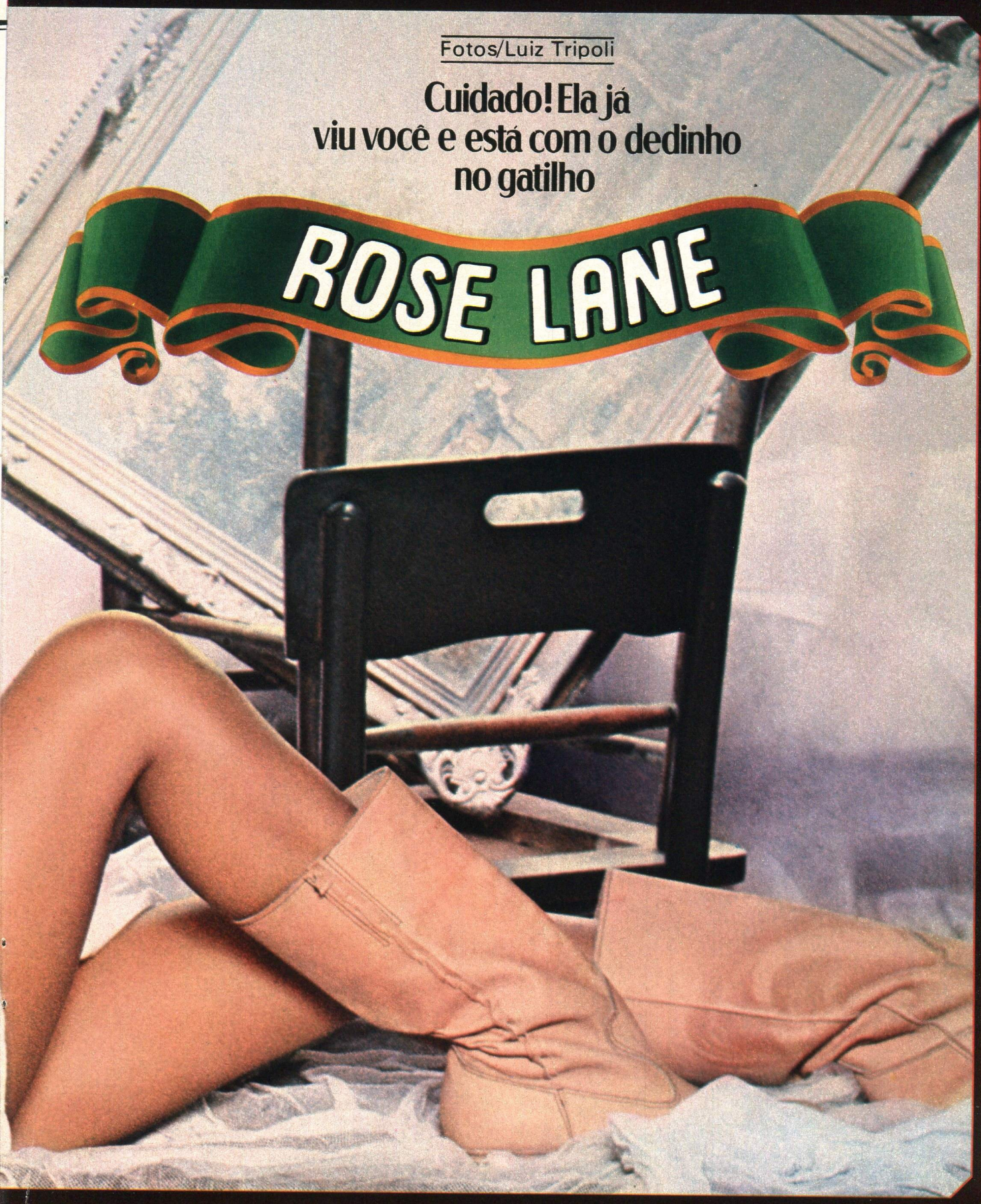
Hora de descansar com uma bela ceia, bons vinhos e boa companhia nos aconchegantes hotéis da região.

PRODUÇÃO/FERNANDO DE BARROS

Fotos/Luiz Tripoli

Cuidado! Ela já viu você e está com o dedinho no gatilho

ROSE LANE



PRODUÇÃO/FERNANDO DE BARROS

Fotos/Luiz Tripoli

Cuidado! Ela já viu você e está com o dedinho no gatilho

ROSE LANE

Difícil é surpreender Rose desarmada. A não ser quando ela quer se render

No moreno macio de sua pele e nos olhos levemente amendoados, Rose revela o sangue índio de sua avó pelo lado paterno. Mas não é difícil adivinhar as sombras úmidas e escuras da floresta em cada gesto felino dessa garota que, aos 22 anos, já está plenamente consciente de seus poderes:

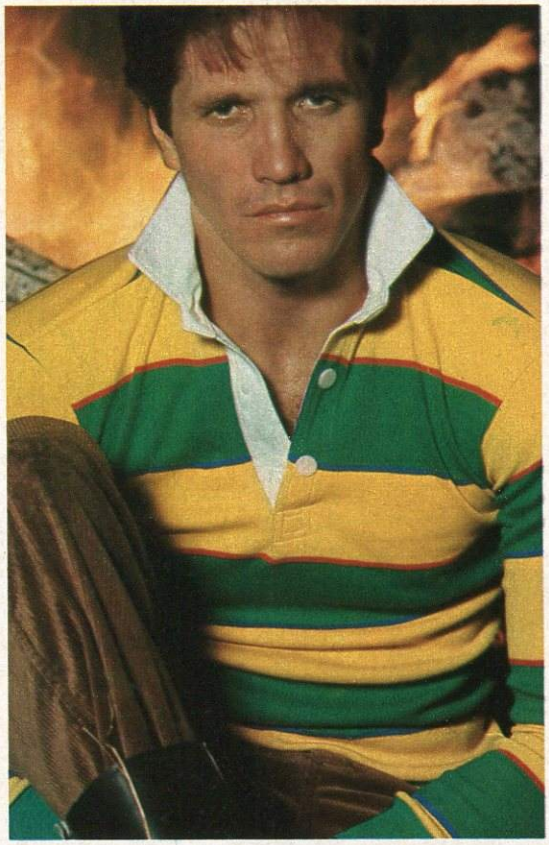
— A mulher diz ela — tem muito a aprender com os gatos e os passarinhos. Quando me apaixono sou assim tenho momentos de gata e momentos de passarinho.

Moda — Fotos/Luiz Tripoli

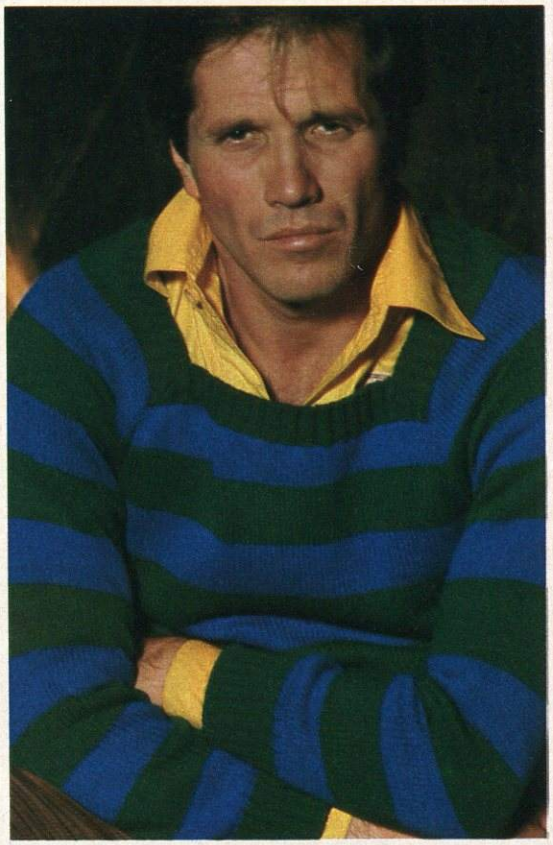
No calor da moda

Malhas e cardigãs, armas para derreter o gelo neste inverno

PRODUÇÃO/FERNANDO DE BARROS



Um *must* para o inverno-77: o estilo ciclista. Malha de algodão, gola lisa com botões de plástico. A criação é da Gledson. Custa Cr$ 250.



Da Chavon é esta malha de lã. Atenção para a gola irregular e para as listras bem fortes sobre um fundo liso. Ponto grosso. Cr$ 500.

Com o frio destas noites, ela não conseguirá resistir ao arsenal de malhas e cardigãs preparado pelos estilistas de moda para a temporada de 1977.

Até a mais resistente das garotas sentirá ceder suas defesas ante o calor felpudo e suave, e o corte elegantemente viril dos agasalhos aconchegantes que você usará.

E eles serão usados em todas as ocasiões, já que neste inverno, mais do que nunca, as malhas ganharam importância essencial na moda, como elementos práticos do vestir.

Os estilos variam, é claro, mas o predominante recomenda as riscas horizontais que, de fabricante para fabricante, assumem espessuras e cores diversas. Assim, ao lado das riscas largas semelhantes às das camisetas de ciclistas ou de jogadores de rúgbi, caracterizadas por cores fortes e quentes, pode-se encontrar — no mesmo rigor da moda — malhas de listras irregulares e finas.

Um *hit* da moda é o cardigã de listras bem finas, no modelo lançado — imaginem só! — pelo presidente americano Jimmy Carter.

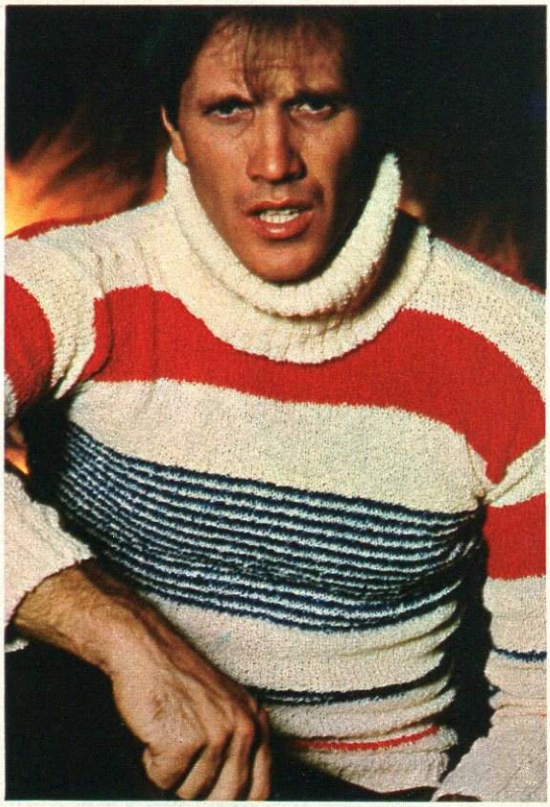
O buclê dele contra a lã dela. O pulôver dele é da Winter. Cr$ 620. A camisa, da Hobbie Cat, de chintz. Cr$ 400. A malha dela é da Ellus.

Esta malha é de buclê, tecido
que volta freneticamente à
moda. Da Winter, em ponto grosso,
favo de abelha. Cr$ 620.
A malha dela também é da Winter.

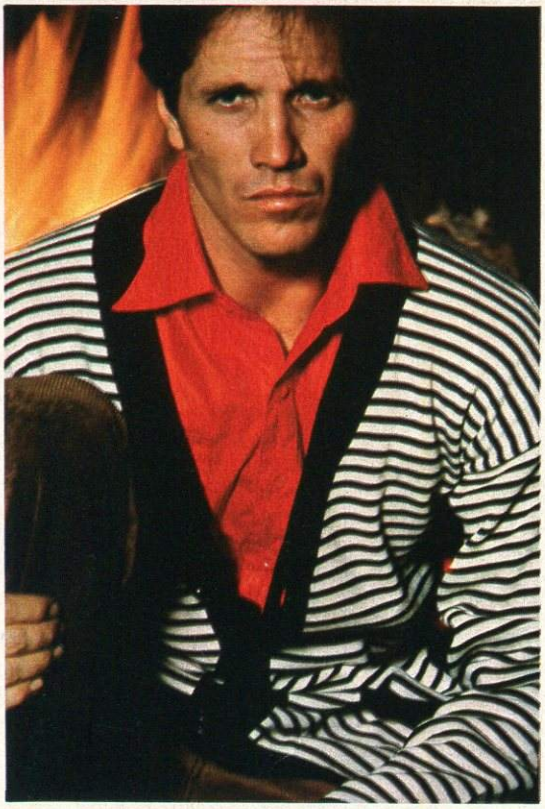
Jimmy Carter, ciclistas, jogadores de rúgbi, as inspirações dos modelos

O que foi procurado pelos estilistas de moda ao planejarem as malhas do inverno de 1977? — Antes de mais nada, a realização de malhas que se adaptassem a todas as situações e também a condições de clima tão diferenciadas quanto o rigoroso inverno do Rio Grande do Sul e o quase hipotético tempo frio dos Estados do norte brasileiro. Essa variação permite uma gama de tecidos muito ampla que inclui, como pontos extremos, o algodão bem colorido e leve, de um lado, e a lã bem grossa, do outro.

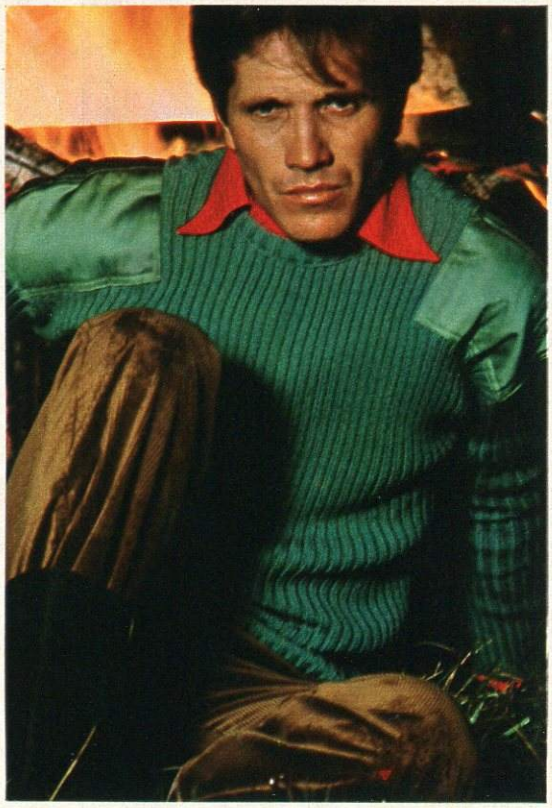
A malha-77 protegerá, portanto, você do frio, dando-lhe uma silhueta moderna e livre, com sóbria elegância. Com a atração extra de que falamos: ela derrete o gelo do mais empedernido coração feminino.



Um modelo da Ellus, também de buclê, com uma ampla gola rolê. O charme: as muitas riscas de vários tamanhos. Custa Cr$ 578.



Aqui está o cardigã bem amplo, de riscas finas e debruado com um vivo largo. Criação da Winter, com grandes bolsos. O preço é de Cr$ 520.



Uma das grandes tendências da moda é o estilo rúgbi. Ele está neste modelo Ellus de lã grossa com aplicações de tecido. Ele custa Cr$ 500.

A família de José Ignácio Domecq possui 350 Rolex Oyster.

Na Espanha, quando alguém diz "La Família", está se referindo à Família Domecq.

Desde a fundação da "bodega" em 1730 por Pedro Domecq, ela se tornou a maior produtora mundial de xerez e de conhaque.

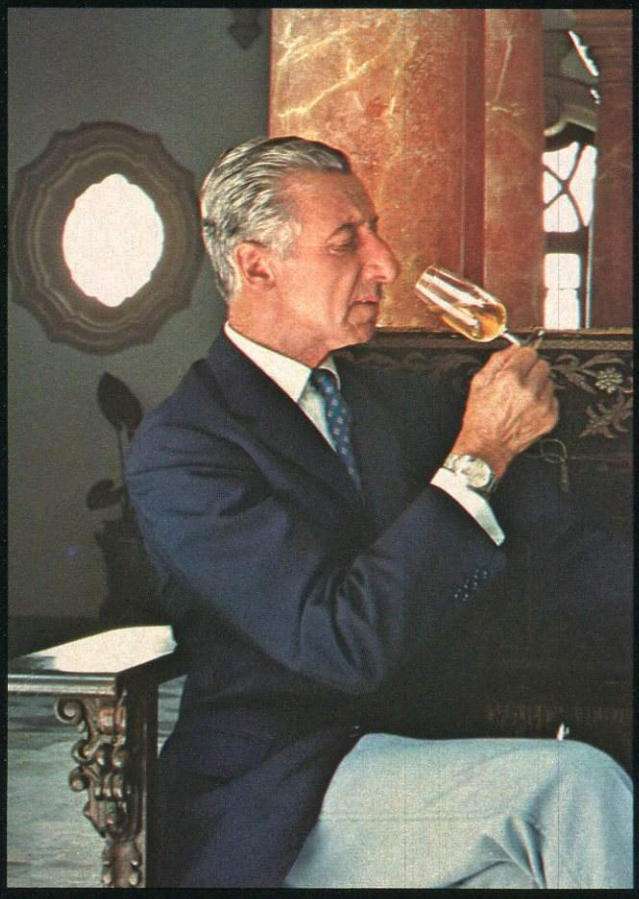
José Ignácio Domecq é o chefe desta grande família.

Só na Espanha há 72 milhões de litros de xerez envelhecendo nas adegas Domecq, e o seu processamento e a sua seleção dependem do paladar e do nariz de Don José Ignácio.

Há uns 40 anos que seu sentido de perfeccionismo vem determinando o "bland" de cada xerez e de cada conhaque Domecq.

É por isso que quando alguém chama Don José de "O Nariz" você entende por quê.

Na vida particular este refinamento estende-se à sua família, aos seus esportes e às suas propriedades.



Don José vive em conforto no palácio Domecq, uma obra-prima da autêntica arquitetura andaluza, em Jerez.

Ele tem grande orgulho de suas habilidades de velejar e praticar pólo.

E do Rolex no seu pulso.

A sóbria elegância do design de um Rolex está absolutamente de acordo com os ambientes mais formais. Ao mesmo tempo, a exclusiva caixa Oyster garante que a máquina sairá incólume do jogo de pólo mais intenso que existe.

Se ele fosse apenas um homem da família Domecq a usar um Rolex, isso já seria um notável testemunho. No entanto, os relógios Rolex se tornaram a marca pessoal de, praticamente, todos os homens e mulheres da grande família Domecq. Para você ter uma idéia do que isso significa, eles são aproximadamente trezentos e cinqüenta.

ROLEX
Genève

Relógios Rolex Ltda. - Representação e Assistência Técnica: Av. Paulista, 2.006 - 14º andar (Em frente ao Conjunto Nacional) - São Paulo

Por fora, certos carros parecem com Por dentro, parecem com o avô dele.

No mercado de automóveis está acontecendo um verdadeiro conflito de gerações.

De um lado, a concepção técnica da maioria dos carros.

E do outro, uma nova idéia que superou todos eles: o conceito tecnológico Fiat.

Graças a esse conceito, o Fiat 127 foi rapidamente imitado por todas as principais marcas, e mesmo assim ainda hoje continua sendo o carro mais vendido na Europa.

Um carro deve oferecer tecnologia avançada e não só aparência de tecnologia avançada.

E o Fiat 147, inspirado no 127, agora vai mostrar no Brasil o porquê disso.

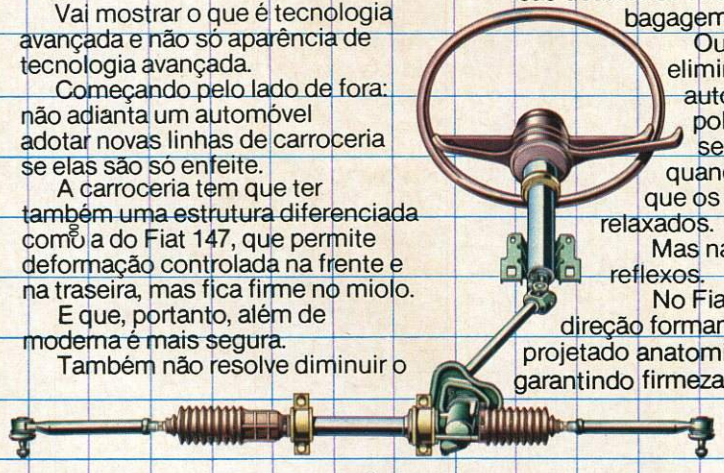
Vai mostrar o que é tecnologia avançada e não só aparência de tecnologia avançada.

Começando pelo lado de fora: não adianta um automóvel adotar novas linhas de carroceria se elas são só enfeite.

A carroceria tem que ter também uma estrutura diferenciada como a do Fiat 147, que permite deformação controlada na frente e na traseira, mas fica firme no miolo.

E que, portanto, além de moderna é mais segura.

Também não resolve diminuir o tamanho de um carro, se o conforto diminuir junto com ele.



Fiat 147: ágil no trânsito, fácil de estacionar e ainda oferece 80% de espaço útil.

O Fiat 147 é surpreendente: compacto por fora, fácil de estacionar, ágil no trânsito e ainda esbanja espaço interno (80% dele são dedicados aos passageiros e à bagagem).

Outro equívoco a ser eliminado é banco de automóvel igual a poltrona de sala: pode ser bom para a sala, quando se deseja que os músculos fiquem relaxados.

Mas na estrada inibe os reflexos.

No Fiat 147, banco e direção formam um conjunto projetado anatomicamente, garantindo firmeza e conforto.

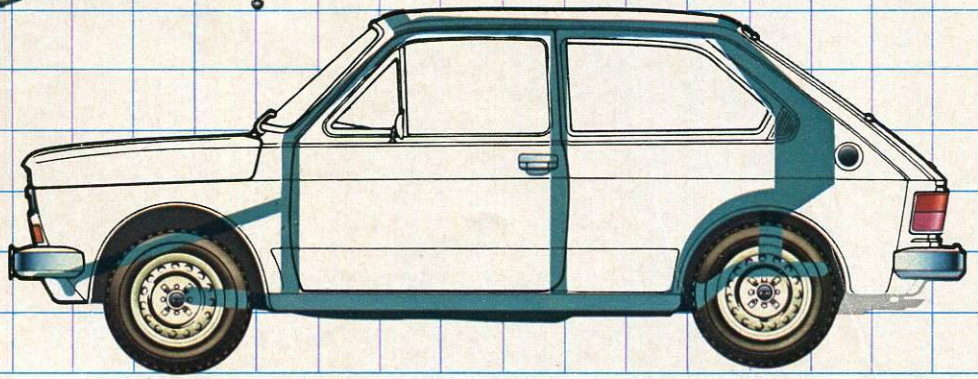
Mas em matéria de segurança não é só nisso que o Fiat 147 supera as velhas técnicas.

Em matéria de automóveis, ser moderno, atual e avançado é ser Fiat 147.

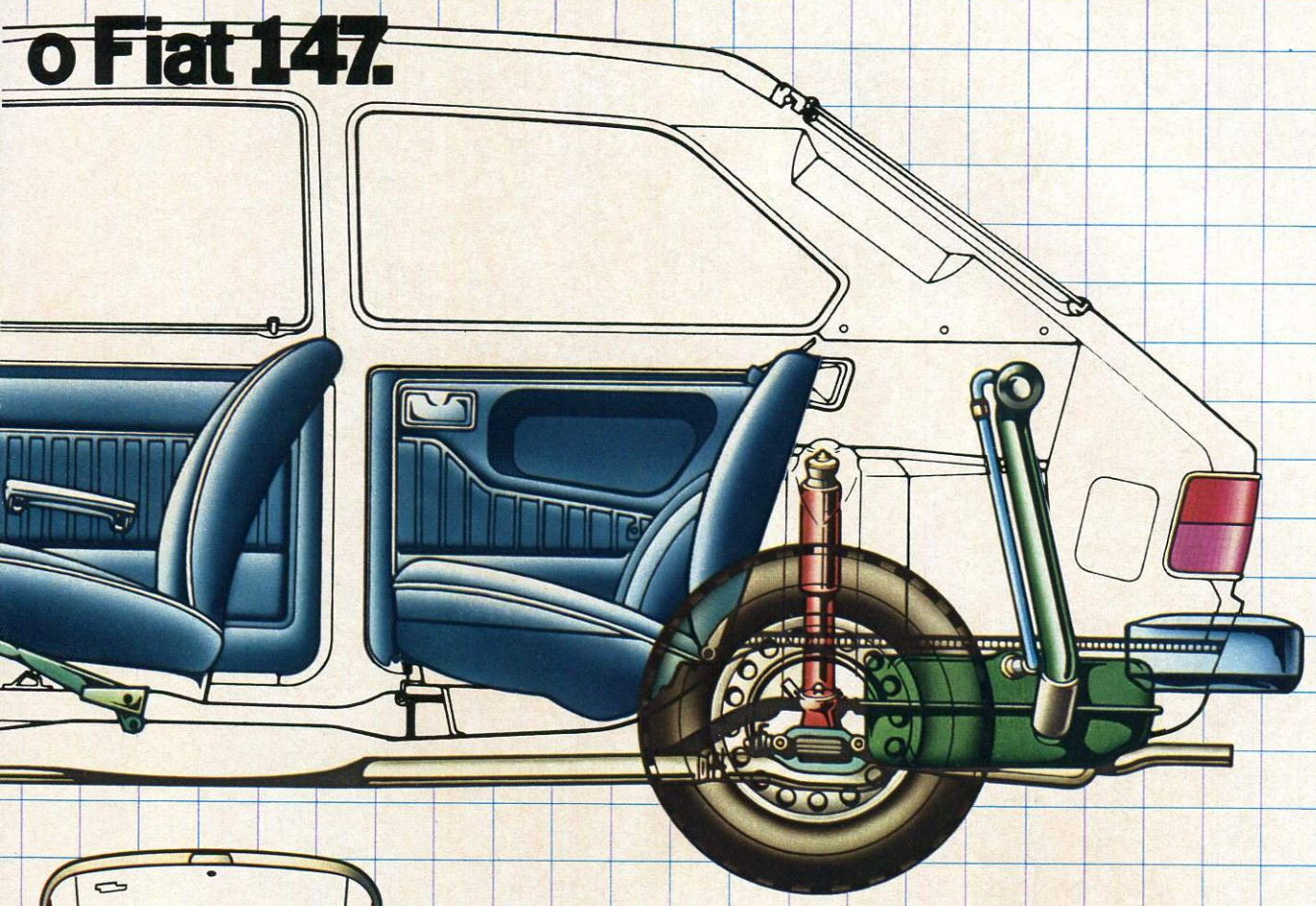
Ser moderno, por exemplo, significa oferecer coluna de direção retrátil com duas articulações.

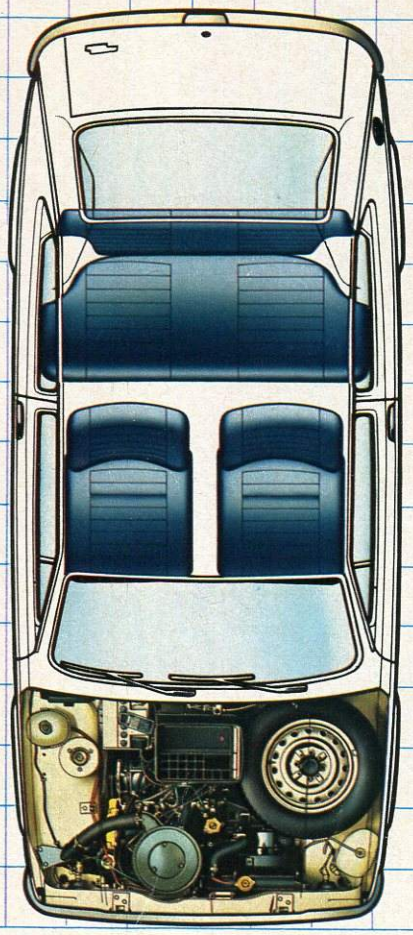
Ser atual é ter freios a disco na frente e a tambor atrás, com duplo circuito hidráulico e corretor de freada no eixo traseiro.

Ser avançado é contar com aquela suspensão que fez toda a imprensa especializada considerar



o Fiat 147.





o Fiat 147 como o carro mais estável do país.

Só um motor dentro da mais avançada concepção tecnológica permite real economia de gasolina.

Mas o maior exemplo do que deve ser um automóvel para os dias de hoje está no motor do Fiat 147: dianteiro, transversal, refrigerado a água com circuito selado, e desenhado de acordo com a mais avançada concepção tecnológica, que permite real economia de gasolina.

E já que tocamos no assunto da gasolina, ele pode fazer até 16 quilômetros por litro em velocidade normal de estrada.

Na média de utilização brasileira, isso pode significar uma poupança de aproximadamente Cr$ 3.000,00 ao ano.

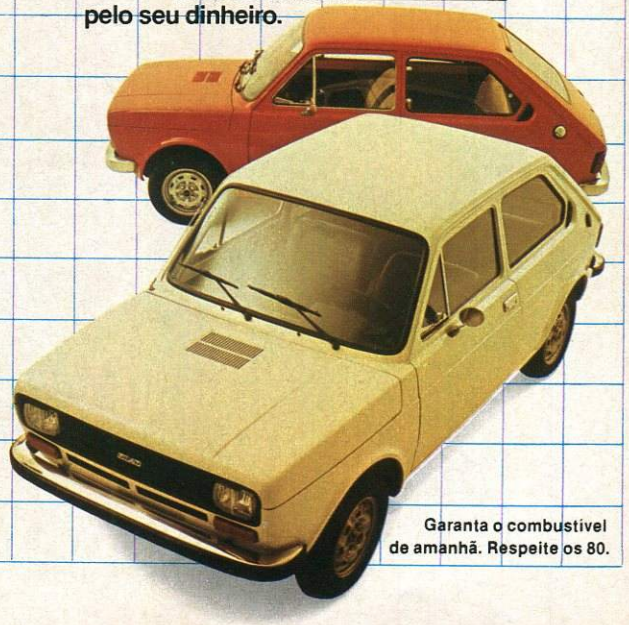
Outra vantagem que a tecnologia avançada traz é o respeito do Fiat 147 pelos não-automobilistas: pois além de ser muito silencioso, ainda é fabricado dentro de rígidos conceitos anti-poluição, seja sonora ou ambiental.

Agora nós vamos parando por aqui. Mas uma coisa nós sabemos que não vai parar: assim como aconteceu com o 127 na Europa, o Fiat 147 terá cada vez mais imitadores no Brasil.

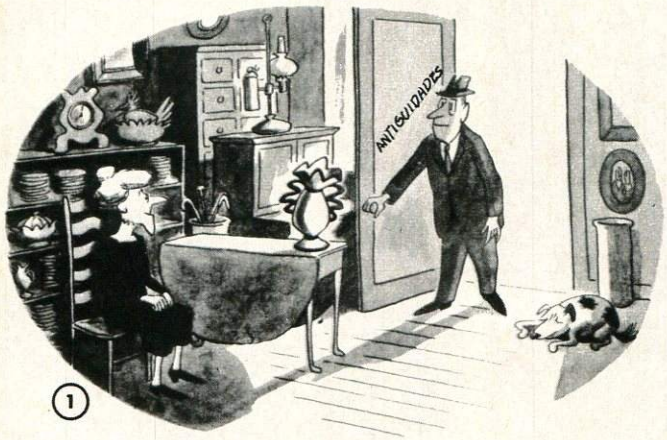
Na difícil tentativa de parecer com ele também por dentro.

FIAT 147

Mais automóvel pelo seu dinheiro.



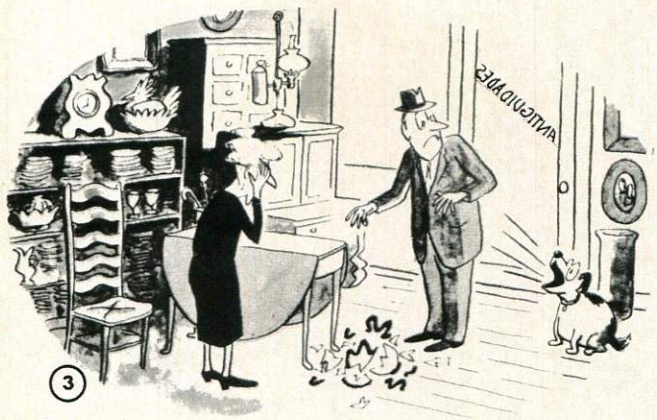
Garanta o combustível de amanhã. Respeite os 80.


ANTIGUIDADES

1

ANTIGUIDADES

2


ANTIGUIDADES

3

ANTIGUIDADES

4

5

O'BRIAN

6

O FÔLEGO DOS 20 ANOS

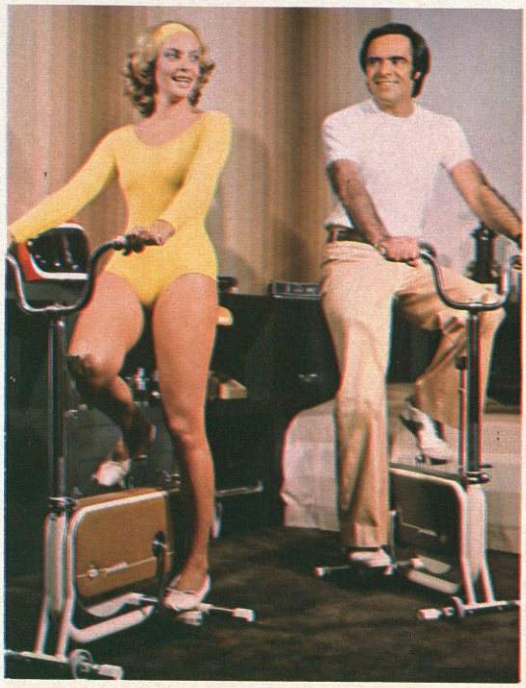
Fôlego não é uma questão de idade. Fôlego é uma questão de saúde. E só o exercício diário pode transformar até um pulmão de 60 num pulmão de 20.

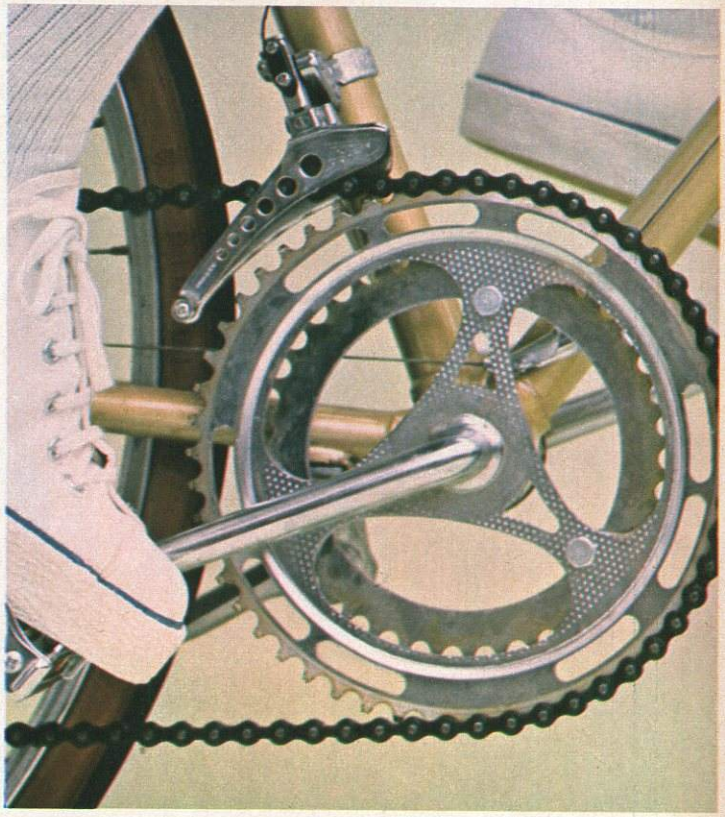
O exercício diário desenvolve seu ritmo cardíaco, deixando você de coração novo. O exercício diário ativa a circulação do sangue, dobrando sua disposição e vitalidade. O exercício diário acaba com a flacidez dos músculos.

E a Pedalette Monark é uma praça de esportes portátil: você usa onde quiser, quando puder.

Se você está disposto a reconquistar ou manter o fôlego dos vinte anos, a barriga dos vinte anos e a forma e disposição dos 20 anos, o caminho é um só: Pedalette Monark.

Pedalette Monark, é uma espetacular bicicleta de exercício, de técnica super atualizada.
Tem diversos padrões de cores e um desenho moderno.
Para viagem, pode ser facilmente desmontada e acondicionada em uma caixa apropriada de fácil transporte.





pedalette

A melhor forma de manter a forma **Monark**

JBS MURAD PROP. - SP

FOTOS/ERICH KLEMM

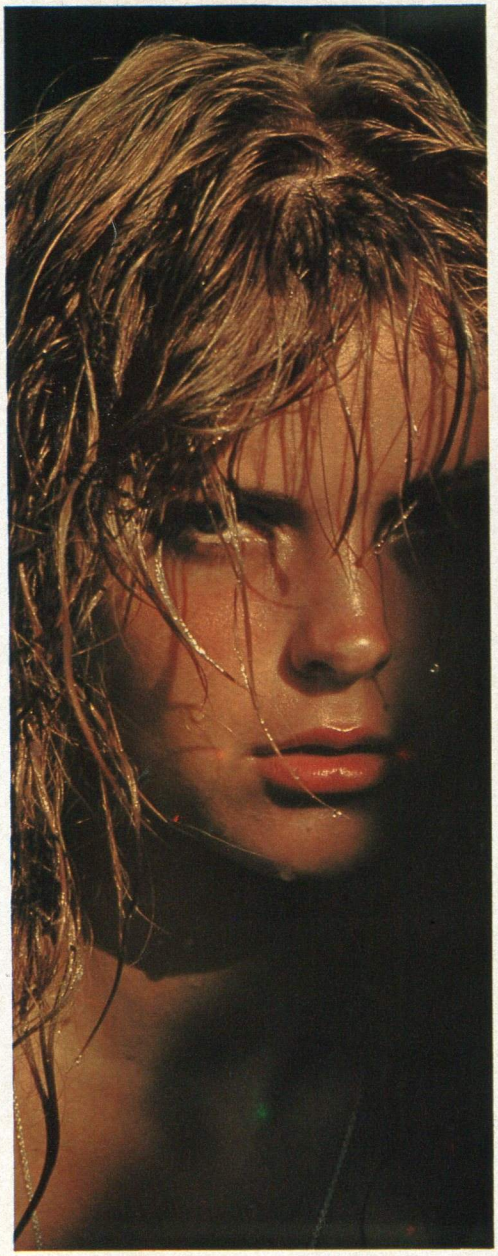
A GAROTA QUE DESCOBRIU O SOL, O CALOR E A LIBERDADE NUMA ILHOTA SELVAGEM DAS ANTILHAS

ROBINA

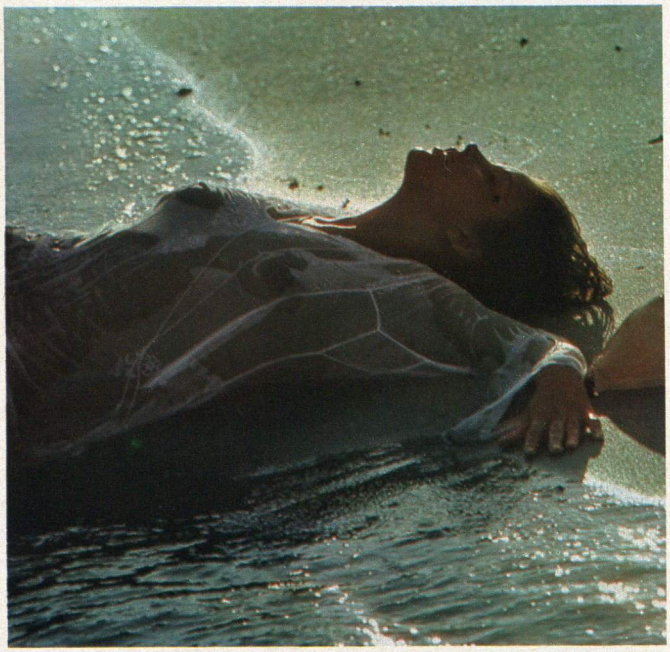
ROBINA

É fácil de entender o sonho obsessivo de Robina: viver numa ilha deserta dos trópicos, ainda que fosse por apenas alguns dias.

Mas a oportunidade para isso surgiu mais cedo do que ela esperava e exatamente no fim do último inverno, que, na Alemanha, foi frio de doer



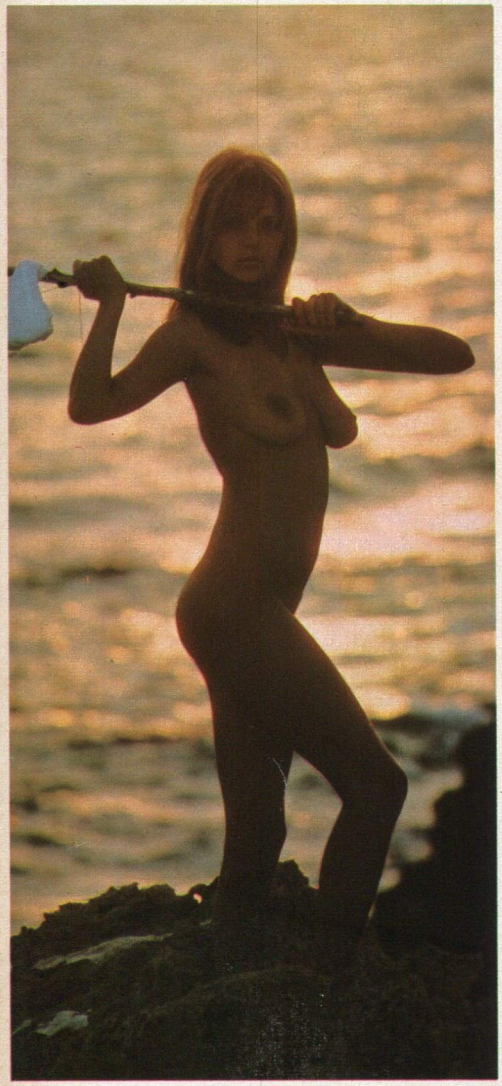
Acontece que Robina é alemã e até os 20 anos nunca havia saído de sua cidade natal, Munique. Saiu há menos de um ano, contratada por uma agência de modelos fotográficos de Berlim. Sentiu então que já estava mais perto de realizar seu sonho.



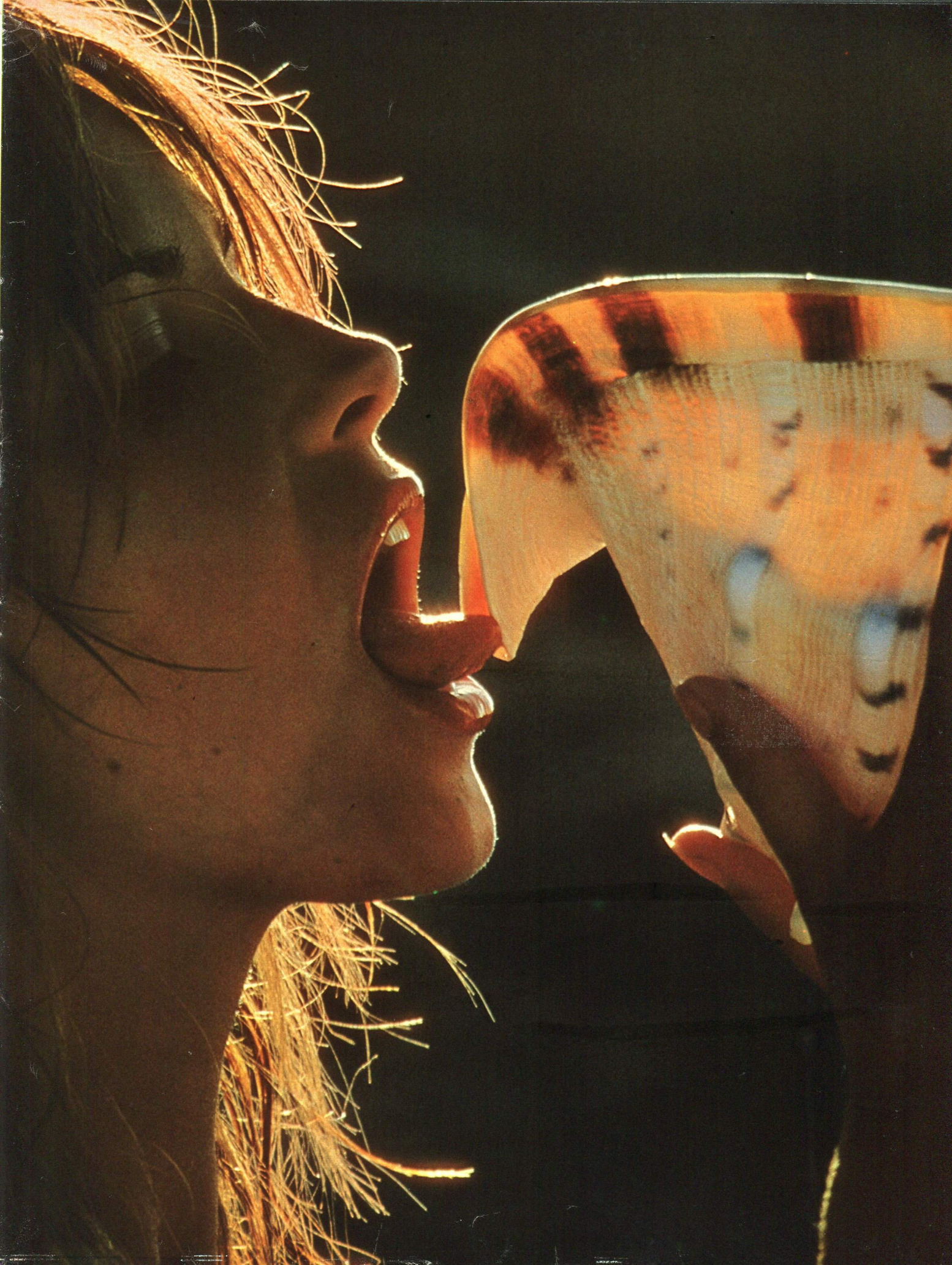
Foi convidada para participar de um desfile de modas nas Antilhas francesas, com direito a uma semana inteira de férias, depois de terminado o desfile.

Só faltava escolher a ilha (há muitas por lá), mas para isso ela contou com a ajuda de um amigo que fez ao chegar a Nassau. Tem muita facilidade em fazer amigos.

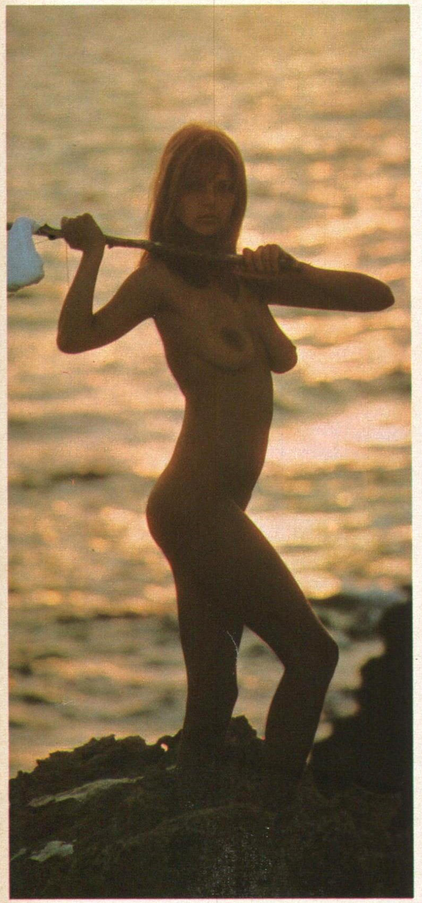
ROBINA



Assim, enquanto a sua Alemanha tiritava lá longe, Robina, liberta de convenções e receios, deixava-se acariciar pelo sol e pelas águas sempre mornas e transparentes de uma ilhota selvagem. Por companhia teve apenas as gaivotas e outros desinteressados pássaros marinhos, além, obviamente, do amigo — este sim, interessadíssimo. Em poucos dias Robina conseguiu o dourado que tanto desejara. Mas seu rostinho estava triste quando teve de voltar ao seu emprego em Berlim. Continua querendo uma ilha: aquela, ou qualquer outra, desde que tenha muito sol e um amigo dedicado para servir de guia.



ROBINA



Assim, enquanto a sua Alemanha tiritava lá longe, Robina, liberta de convenções e receios, deixava-se acariciar pelo sol e pelas águas sempre mornas e transparentes de uma ilhota selvagem. Por companhia teve apenas as gaivotas e outros desinteressados pássaros marinhos, além, obviamente, do amigo — este sim, interessadíssimo. Em poucos dias Robina conseguiu o dourado que tanto desejara. Mas seu rostinho estava triste quando teve de voltar ao seu emprego em Berlim. Continua querendo uma ilha: aquela, ou qualquer outra, desde que tenha muito sol e um amigo dedicado para servir de guia.

PHILIPS

Isto é evolução.

Philishave 90 Super 12, novos cortadores flutuantes, com 12 lâminas cada um, 55% mais eficientes.

Philishave 90 Super 12, exclusivo sistema rotativo regulável para cada tipo de pele ou barba.

Philishave 90 Super 12, desenho totalmente novo. Mais leve, se encaixa perfeitamente na mão. Os cortadores tocam a pele num ângulo ainda mais exato.
Philishave 90 Super 12 é uma nova era na evolução do barbear. Entre nela.

PHILISHAVE
Barbeador Elétrico Sistema Rotativo
90 SUPER 12

PHILIPS

Ninguém vai deixar de ouvir o novo lançamento da Telefunken. Ele tem 120 watts de potência.

Denison

Opus Hi-Fi 6060.

O amplificador-sintonizador estéreo que você está vendo é a grande sensação do ano em matéria de equipamento de som.

Mal chegou às lojas e já foi dando um show de técnica, que está deixando muito equipamento importado estrilando de inveja.

Seus 120 watts de potência são sensacionais. Enchem qualquer salão, sala ou salinha com o mais puro som estéreo sem o menor perigo de ferir sua sensibilidade ou seus ouvidos. Muito pelo contrário.

Com um simples toque de dedo, você coloca essa maravilhosa orquestra sob sua batuta sem a menor dificuldade.

Os controles de volume e tonalidade são práticos e cômodos e o som sai do jeitinho que deve ser. Os graves, graves; os agudos, agudos; os médios, médios.

Sem aquela zueira infernal que outros aparelhos costumam fazer quando você exige um pouco mais de volume.

O Opus Hi-Fi 6060 apresenta também o melhor show de versatilidade do mercado.

Permite o acoplamento simultâneo de até três gravadores, de rolo ou cassette, com plugues DIN ou RCA, um toca-discos, dois pares de caixas acústicas e um audiofone estereofônico.

Tem chave monitora para você controlar a qualidade da gravação durante a própria gravação. E possui ainda quatro faixas de ondas (FM/OM/OT/OC), decodificador estéreo, e permite memorizar até 5 emissoras de FM, que podem ser mudadas com um leve apertar de tecla.

Para sintonizar cada emissora com máxima precisão e achar o ponto exato, existe um indicador de sintonia com galvanômetro.

E para corrigir eventuais oscilações decorrentes de variações climáticas ou da instabilidade da rede de energia elétrica, você tem o CAF Controle Automático de Freqüência. Tudo muito simples e funcional. A tudo isso acrescente a classe, o desenho moderno e sóbrio e a insuperável qualidade Telefunken. Precisa dizer mais?

Mas, se você gosta mesmo de som, não pode deixar de ouvir de perto este aparelho maravilhoso.

Caso contrário, você não vai saber o que está perdendo.

TELEFUNKEN

© AEG Telefunken do Brasil S.A.

– Se Deus quisesse que você se cobrisse ele lhe teria dado pelo menos três braços!

DIRETOR
1

Entrevista

De cinema, shows, TV e mulher ele conhece tudo

Manga: um homem que sabe das coisas

Carlos Manga

Se um dia alguém se dispuser a escrever a história do cinema brasileiro, terá de dedicar a Carlos Manga pelo menos um capítulo. O mesmo acontecerá se escreverem a história da televisão e dos shows musicais neste país. Não só será uma questão de justiça destacar o trabalho de Manga, como também pouco se poderá fazer sem antes consultá-lo. O homem não só faz as coisas como sabe das coisas.

Carioca que prefere morar em São Paulo (só fica no Rio dois dias por semana, para dirigir a gravação do Chico City*), Manga já foi – segundo informam seus amigos – um homem muito agitado. Hoje, parece tranqüilo: "Estou numa fase preguiçosa". Mas, a qualquer momento, ele admite, pode "começar tudo outra vez" Basta que, por exemplo, certas coisas no Brasil sejam consertadas. Nesta entrevista, Manga explicou quais são.*

Os entrevistadores foram Maria Helena Dutra, crítica de televisão da revista Nova *e do* Jornal do Brasil; *Guilherme Cunha Pinto, de* Veja; *Fernando Pessoa Ferreira e Fabiano Vilanova, de* **Homem.**

ILUSTRAÇÃO/ALBERTO NADDEO

Homem — Qual é a origem do nome Manga?

Carlos Manga Veio de um apelido. O nome de família de meu tetravô era Rodrigues Rivera. Ele era português e vivia na fronteira com a Espanha. Tinha muitas fazendas e onze filhos, que o ajudavam a cuidar de suas terras. Aos sábados, eles recebiam dinheiro do pai e iam todos para a cidade mais próxima, comemorar. É evidente que onze caras solteiros numa cidadezinha como aquela faziam um barulho danado. Naquele tempo estava em moda usar camisas de mangas compridas e largas, que eles arregaçavam ao invadir a cidade fazendo estrepolias. As mães então tratavam de fechar as janelas e guardar as suas donzelas: "Já pra dentro, os 'mangas' vêm aí!" Parece até história de *cow-boy,* mas foi verdade. Um daqueles onze rapazes namorou uma moça do lugar, quis casar com ela mas o pai não deixou. Ele então raptou a moça e se mandou para o Brasil. Ao chegar aqui adotou o nome Rodrigues Rivera Manga. Nasceu assim o tronco Manga. Todos os Manga descendem daquela família de Trás-os-Montes.

Homem — Você confessou certa vez que pretendia tornar-se advogado criminalista. A opção pelo show-business foi acidental?

Manga — É verdade. Minha ambição na adolescência era ser advogado crimminalista. Cheguei a fazer Direito até o segundo ano. Já gostava de música, cinema e teatro, mas de longe. Morava na Tijuca e, naquela época, Luís Serrano lançou no Brasil a moda dos fã-clubes. Chamavam ele de "Louis" Serrano porque era muito americanizado e vivia nos Estados Unidos. Aqui no Rio os primeiros fã-clubes resumiam-se a grupos de rapazes e moças que se reuniam para ouvir e comentar música. Tinham de eleger o cantor que mais gostassem para ser o patrono. O nosso elegeu Frank Sinatra e Dick Farney e ficou sendo o Sinatra-Farney Fã-Clube. Nossa geração era toda emprestada de americanismos. Na minha turma havia um mulatinho que tocava piano e cantava gostosinho. Era o Johnny Alf. E tinha uma moça que cantava músicas americanas com voz grave e rouca.

Homem — Nora Ney?

Manga — Exatamente. Mas, naquela época ela ainda se chamava Iracema. Eu estava muito empolgado e um dia sugeri: "Vamos fazer um show e exibi-lo por aí" Estreamos esse tal show na AABB — Associação Atlética do Banco do Brasil — que era no Posto Seis, em Copacabana. A esposa do Heitor Bologna é quem tomava conta da parte artística da Associação. Fui falar com ela e meu deu o maior apoio.

Homem — O que você fazia no show?

"Dona Flor" saiu de cartaz dando lucro: o dono do cinema sofreu pressões

Manga — Dirigia.

Homem — Qual a sua idade na época?

Manga — Dezenove. Foi em 1947 O fato é que o showzinho agradou e aí apareceu um diretor do Fluminense e nos convidou para fazer um espetáculo em seu clube. Nesse lance eu já comecei a botar um pouco de máscara [*empostando a voz*] comecei a dar uma de profissional e fui falando: "Vou precisar de spots e mais disso e daquilo" Dick Farney, que estava atuando nos Estados Unidos, viria ao Brasil e iria cantar numa festa do Fluminense. O nosso show abriria o espetáculo, preparando a entrada de Dick. O fato é que agradamos mesmo. O clube estava lotado, fomos muito aplaudidos. O último quadro do show foi de Dick Farney com coreografia nossa. Ele cantava *That Old Black Magic.* Esse quadro foi representado depois no Teatro Municipal, num espetáculo de caridade. Mas, nessa altura, eu já era profissional de verdade, com diretor de iluminação e tudo a máscara já estava total. Três anos depois, reeditei exatamente o mesmo número num filme de José Carlos Burle, *Carnaval Atlântida.* Mas com outra música, porque música americana não podia ser colocada em filme brasileiro. Dick Farney cantou *Alguém como Tu.* Foi esse o meu primeiro contato direto com o cinema. Entusiasmei-me com a coisa mas não manjava ninguém. Até que um dia Cyll Farney, estava começando como galã, me convidou para conhecer os estúdios da Atlântida. Poxa! a Atlântida, para mim, era uma instituição de fábula era a Metro. Cheguei lá pensando: vou conhecer um tremendo de um estúdio. Imaginava enormes escadarias de mármore, cheias de gente cantando e dançando. O Cyll então me falou: "Vou te levar para conhecer o Watson Macedo" "Não brinca!" — Watson Macedo era o máximo, o rei dos musicais.

Homem — Uma espécie de Vincent Minnelli nativo

Manga — Exato. Mas logo comecei a desmoronar. Entrei com Cyll numa garagem tábuas encostadas pelas paredes, chão sujo. A mulher encarregada do guarda-roupa passou por nós e gritou [*com voz esganiçada*]: "Ôoi Cyll!" Prosseguimos percorrendo uns labirintos esquisitos, tudo bagunçado. E chegamos a uma carpintaria onde estava um cara serrando madeira. O Cyll falou: "Aqui é a carpintaria" "Estou vendo." Apontou o homem do serrote e disse: "Esse aqui é o Watson Macedo" Pois é, e eu pensava que encontraria o Watson num enorme escritório atapetado, com três ou quatro secretárias no colo Foi aí que comecei a compreender a realidade nacional.

Homem — Mas essa decepção não o afastou

Manga — Qual nada. Aquilo me entrou no sangue e tratei de arranjar um jeito qualquer de trabalhar no cinema. Foi o José Augusto Rodrigues, sócio de Luís Severiano Ribeiro — um dos donos da Atlântida —, quem me conseguiu a primeira chance. Naquela altura eu trabalhava no Banco Boavista e era também despachante na Cruzeiro do Sul. Ganhava uns três mil e oitocentos cruzeiros. Entrei no cinema ganhando uns 600 cruzeiros, uma nota baixa como o diabo e para começar do zero, removendo painel, cuidando do almoxarifado, saindo de caminhão para escolher móveis para contra-regra. Assim, fazendo um pouco de tudo, cheguei a assistente de produção.

Homem — Você nunca experimentou ser ator?

Manga — Não. A turma toda me dizia que eu deveria tentar ser ator, mas minha tendência sempre foi para dirigir.

Homem — Na infância você já tinha essa tendência?

Manga — Mamãe diz que sim. Quando eu ainda morava no Flamengo, onde nasci, organizava coros infantis, escolhia os guris com melhor voz. Representar nunca me deu qualquer emoção. As raras vezes em que o fiz foram circunstanciais, mesmo porque acho que sou uma bosta de ator. Gosto mais da sensação de tirar das pessoas aquilo que imagino, conduzir os atores para um clima que eu queira.

Homem — Você fez uma porção de filmes que a crítica classifica como chanchadas. Nunca sonhou fazer algo com um pouco de risco comercial mas no qual você pudesse realmente se realizar como diretor?

Manga — Tentei três vezes, no tempo da Atlântida, mas não consegui. Uma das histórias que tentei filmar foi *A Madona de Cedro,* o romance de Antônio Callado. Dei o livro para Luís Severiano ler, no entanto, a diretriz da Atlântida era outra

Homem — Ainda não está em tempo?

Manga — Não. Já fizeram um filme

com *A Madona de Cedro*. Muito ruim. Quando saí da Atlântida passei treze anos sem fazer cinema. Depois fiz *O Marginal*, com Tarcísio Meira e Darlene Gloria. Trabalhei com carinho e dei duro para fazer esse filme. Foi um filme profissionalmente sério, ao qual me dediquei paca. Gastei oito meses de minha vida naquilo. Quando ficou pronto, o filme começou a ser exibido em São Paulo, com um público fortíssimo. Na quinta semana ainda estava rendendo muito mais do que a média mínima exigida para manter um filme em cartaz. Mas aí eu recebi um telefonema do sr. Florentino, dono do Cine Ipiranga, de São Paulo: "Manga, vou ter de tirar teu filme, estou sendo muito pressionado pela Warner's" Então me convenci de que no Brasil você ainda não tem o direito de exibir seu filme na sua casa. Sua casa não lhe pertence, pertence à Warner's, à CIC, ao Harry Stone, ao diabo!

Homem — E como é que você explica o sucesso fenomenal de *Dona Flor?*

Manga — Foi retirado de cartaz dando 320 mil cruzeiros de bilheteria por semana, no mesmo Cine Ipiranga. Estive um dia desses com o Bruno Barreto e contei a ele o que houve com meu filme. Aí o Bruno falou: "Pois aconteceu a mesma coisa com o meu. Meu pai ficou alucinado quando lhe disseram que teriam de retirar o filme, por causa de pressões"

Homem — O que você conclui disso?

Manga — Concluo o seguinte: você faz um produto com uma dificuldade terrível para você já é difícil recuperar o que está gastando, pagar as dívidas e depois você não consegue exibir seu filme enquanto ainda está rendendo bem. Não consegue exibir em seu próprio país, tendo que ceder o lugar para um estrangeiro. Se a coisa é assim, a solução é não fazer. Aqui não há condições de se fazer cinema. Eu não faço mais. Talvez volte a fazer, mas só no dia em que Harry Stone arrumar as malas e voltar para os Estados Unidos mas, afinal, a culpa não é dele.

Homem — Ele é o homem no Brasil da Motion Pictures — representante das grandes empresas distribuidoras americanas.

Manga — E está defendendo o dele. Nós é que não temos vergonha de deixar que os americanos tomem o que é nosso. Temos é de defender nosso cinema.

Homem — Nesse caso, a solução não seria o Stone ir embora, mas sim serem adotadas medidas que protejam o cinema brasileiro.

Manga — Nada mais do que as mesmas medidas adotadas para defender as outras indústrias brasileiras. Veja, por exemplo: se você pudesse comprar um carro americano pelo mesmo preço de um carro nacional, qual dos dois você compraria? Sem dúvida o americano, não é? Mas acontece que, como o carro importado custa 300 milhões e o nacional custa só umas 50, você acaba comprando o nosso. O que aconteceu com a indústria de automóveis no Brasil? Por que temos hoje bons carros? Porque o governo fechou a importação, taxando-a violentamente. Se, para comprar um Oldsmobile ou um Mercedes você tem de gastar uma fortuna, então você compra um carro nacional, prestigia a nossa indústria. Existindo mercado, a produção melhora. Com o vinho aconteceu o mesmo, a vinicultura brasileira hoje está no auge. Colocar um nacional na mesa não é mais vergonha pra ninguém. Mas, uns quinze anos atrás, se alguém botasse na mesa um vinho nacional diriam: "Que é que é isso?! Tira esse troço daqui! Prefiro beber água a beber isso!" Mas hoje, como um bom vinhozinho francês custa mais de 400 pratas, todos já bebem o nacional sem reclamar. Bebem e gostam, pois a nossa produção melhorou. Agora, para ver um filme de mister Sidney Lumet você paga o mesmo que para ver um do Carlos Imperial. Em dois cinemas iguais, um ao lado do outro. E ainda pressionam o dono do cinema que está exibindo o do Imperial para que passe a exibir o do Sidney Lumet.

Homem — A solução?

Manga — Taxem o filme estrangeiro como são taxados os outros produtos importados. Aí quero ver se vão continuar importando os bang-bang do André Murphy!

Homem — Mas haveria um risco: com essa supertaxação sobre o filme estrangeiro, só viriam os sucessos comerciais garantidos. Viria um *Tubarão* mas não viria um Bergman, um Fellini.

Manga — Viriam sim. No mundo inteiro, onde adotam medidas semelhantes, abrem exceção para o cinema de arte, para os filmes que serão exibidos no idioma original. Quanto a Bergman, é um engano pensar que os seus filmes não são comerciais. Eles dão muito dinheiro e qualquer exibidor os quer. Fellini também dá muito dinheiro.

Homem — No exemplo da indústria automobilística, citado por você, a taxação sobre as importações não impediu o controle do mercado pelas multinacionais. É a General Motors que disputa com a Ford, a VW, a Fiat. No caso do vinho é a mesma coisa: os melhores são de transnacionais que se estabeleceram aqui. Se a indústria estrangeira de cinema resolver se estabelecer aqui, nossos cineastas teriam uma competição mais fácil do que a atual?

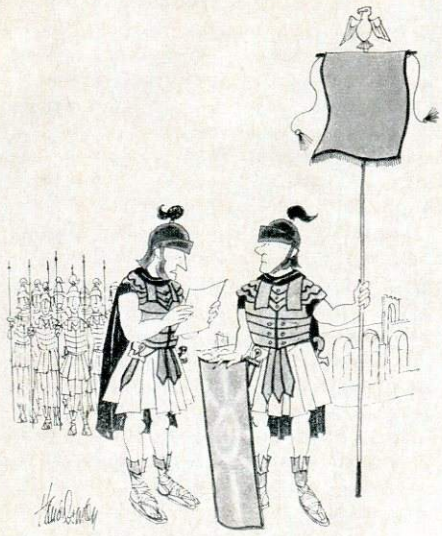
Manga — Todos teriam filmes aos montes para fazer. Teriam condições de evoluir, estudar e se aperfeiçoar. Poderiam convidar bons escritores para escrever argumentos e roteiros e pagá-los como deveriam ser pagos, ao invés de ficar dependendo de meia dúzia de escrevinhadores da boca do lixo, só porque não há dinheiro para pagar os bons. Poderiam ser atraídos muitos brasileiros competentes para a indústria de cinema. E os resultados, evidentemente, seriam melhores. Hoje, quem faz cinema no Brasil é meia dúzia de abnegados conscientes. O resto é picaretagem botando mulher nua pra ver se faturam algum dinheiro. Se as multinacionais vierem também fazer cinema, pelo menos estarão atraindo o pessoal, abrindo mais horizontes.

Homem — Criando *know-how?*

Manga — Isso mesmo. Estarão criando técnicos, atores, roteiristas, formando uma indústria nossa. Amanhã, alguém — "alguéééém " como diz o coronel Limoeiro — pode dar umas rasteiras nuns e noutros por aí e empatolar tudo para nós. E já teremos meio caminho andado. O fato é que se forem tomadas as mesmas medidas que protegem as outras indústrias da concorrência estrangeira, o nosso cinema evoluirá. Mas com a concorrência desleal de hoje, pô não dá. A CIC, uma distribuidora estrangeira de filmes, está agora comprando cinemas no Brasil. Qual é? Distribui e exibe nos seus próprios cinemas.

Homem — Quando essa questão é colocada diante das nossas autoridades, como elas reagem?

Manga — Dizem: "Vamos tomar providências" Perdi toda uma manhã, com o Jece Valadão, na Câmara Federal. Eu estava filmando *O Marginal*. Fui até lá, falei até ficar rouco. Resposta: "Vamos



– Ordens de César: cercar o inimigo e depois saqueá-lo na mesa de conferências.

tomar sérias providências" E ficaram indignados: "Como? O Brasil não manda em seu próprio mercado?" "Não senhor, temos de pedir licença para exibir nossos filmes aqui." "Que absurdo!" E ficou por isso mesmo.

Homem — E o Poder Executivo? Reage da mesma maneira?

Manga — Não tenho acesso até lá.

Homem — E a lei do um por oito?

Manga — É a lei que obriga os cinemas a exibirem filme nacional um dia em cada oito. É como se eu dissesse: "Na minha casa, de cada oito noites posso dormir uma com minha mulher. Nas outras sete, ela tem de dar pra outros" É mais ou menos isso. Pô!, estou na minha casa ou não estou? Daí então eu me admiti derrotado, e não quis mais fazer cinema.

Homem — Se a situação mudasse, se esses problemas fossem resolvidos, você voltaria a fazer cinema?

Manga — Claro. É o que mais gosto de fazer. Comecei garoto no cinema e sempre fui um apaixonado. E autodidata, como todos no Brasil. O que valeu é que eu sentia um amor muito grande pela coisa. Era entusiasmado, queria aprender, queria fazer bem feito. Analisando alguns de meus primeiros filmes percebe-se que aquele garoto que eu era tinha jeito, tinha chance, poderia ser encaminhado. Mas o garoto só levou porrada sobre porrada. Todos os meus filmes foram malhados, foi muito desestimulante. Vejo acontecer isso hoje com o Bruno Barreto.

Homem — É acusado de só fazer filmes comerciais.

Manga — Isso não é defeito. Se ele sabe fazer cinema, vamos estimulá-lo, conversar com ele. Quem for crítico que procure conduzi-lo para outro tipo de cinema, mas não o agrida como fez Rubens Biáfora, um crítico de São Paulo. Esse Biáfora fez um filme que não pôde ser exibido no Cine Ipiranga porque entrou lá o filme do Bruno. Aí, votando como crítico, ele deu o prêmio de melhor diretor do ano ao John Herbert. Só de sacanagem. John Herbert só havia dirigido um episódio numa pornochanchada qualquer.

Homem — Esse prêmio tinha alguma importância?

Manga — Acontece que coisas assim ficam escritas. Entram para a história do cinema e, daqui a uns cinqüenta anos, quando forem estudar a década de 70, vão encontrar o nome do John Herbert e vão querer saber qual foi o melhor filme daquele ano. Qual o juízo que farão de nossa época? A atitude do sr. Biáfora não é séria porque ele não é sério, mas daqui a 30, 50 anos, pode ter conseqüências sérias. Não é o caso de ficar jogando confete sobre Bruno Barreto e outros garotos que tenham

"O crítico Moniz Viana chegou a insinuar que eu era bicha"

talento. Acho somente que se deve estimular. Mas os críticos de São Paulo já vão dizendo "não presta; é uma merda" e esculhambam tudo. Semeiam o desânimo. Daí o garoto termina fazendo como eu, se manda para a televisão, de vez em quando faz uns filminhos de propaganda .

Homem — A importância dos filmes da Atlântida só foi reconhecida tardiamente, numa época de maior descontração. Como eram as críticas às chanchadas na década de 50?

Manga — As piores possíveis. Eu até tive algumas que diziam "apesar de tudo, o Carlos Manga promete" Mas, em geral, eles arrasavam com tudo. E esqueciam de sentir uma coisa muito importante: a comunicação e o diálogo que os nossos filmes tinham com o grande público.

Homem — Muita gente gostava de algumas coisas que vocês faziam mas sentia uma certa vergonha de confessar isso, pois não era de bom-tom gostar de chanchadas.

Manga — É verdade. Não ficava bem para um intelectual. Conheço muita gente que hoje me diz: "Manga, eu adorava! Ia escondido nas matinês e morria de rir!" E tem mais: com toda a campanha de massificação dos últimos anos, o *Exorcista* foi visto por 220 mil pessoas no seu lançamento, enquanto *Colégio de Brotos,* um filminho feito pela Atlântida em 1956, foi visto no lançamento por 250 mil pessoas. Foi o maior sucesso de bilheteria de todos os tempos, no Brasil. Os críticos deveriam ao menos admitir que aquele cinema era um fenômeno de comunicação. Mas não, simplesmente esculhambavam: "Mais um abacaxi nojento", "Uma perda de tempo total" "Mais uma baboseira irresponsável da Atlântida" O crítico Moniz Viana chegou a insinuar que ou eu ou o dono da Atlântida, um de nós dois era bicha: "O que é que está havendo entre esses dois?" Quis dar um pau nele e ele saiu correndo de mim. De outra vez ele fez uma estupidez que é até pitoresco relembrar. Criticou meu filme *Matar ou Correr* e, depois de arrasá-lo, afirmou que, além do mais, eu era ladrão: "Roubou negativos de filmes americanos. Tem uma cena com uma diligência, não sei o quê, patati patatá" Pô, a diligência quem fez foi o Cajado Filho e a cena foi filmada em Jacarepaguá.

Homem — Seu último filme na Atlântida foi *O Homem do Sputnik?*

Manga — Não. Foi *Sete Evas. O Homem do Sputnik* teve mais sucesso comercial. Era um filme em que o americano era bandido, imaginem só

Homem — Foi por sobrevivência que você optou pela televisão?

Manga — Foi por dinheiro. A televisão me pagava por semana o que eu ganhava por mês na Atlântida.

Homem — Você é um nacionalista?

Manga — A palavra *nacionalista* tornou-se um apelido meio maroto. Não sou de excessos. Custei a me libertar, talvez por ter sofrido muitas influências. Hoje acho que, de fora, só se for mesmo muito bom. Tenho o direito de trazer só o que é bom para minha casa.

Homem — E as toneladas de importados que a televisão nos joga em casa todos os dias?

Manga — Ainda não temos condições de produzir enlatados nacionais.

Homem — Por quê?

Manga — O custo é muito alto.

Homem — Mas as novelas já estão sendo feitas com um alto nível técnico.

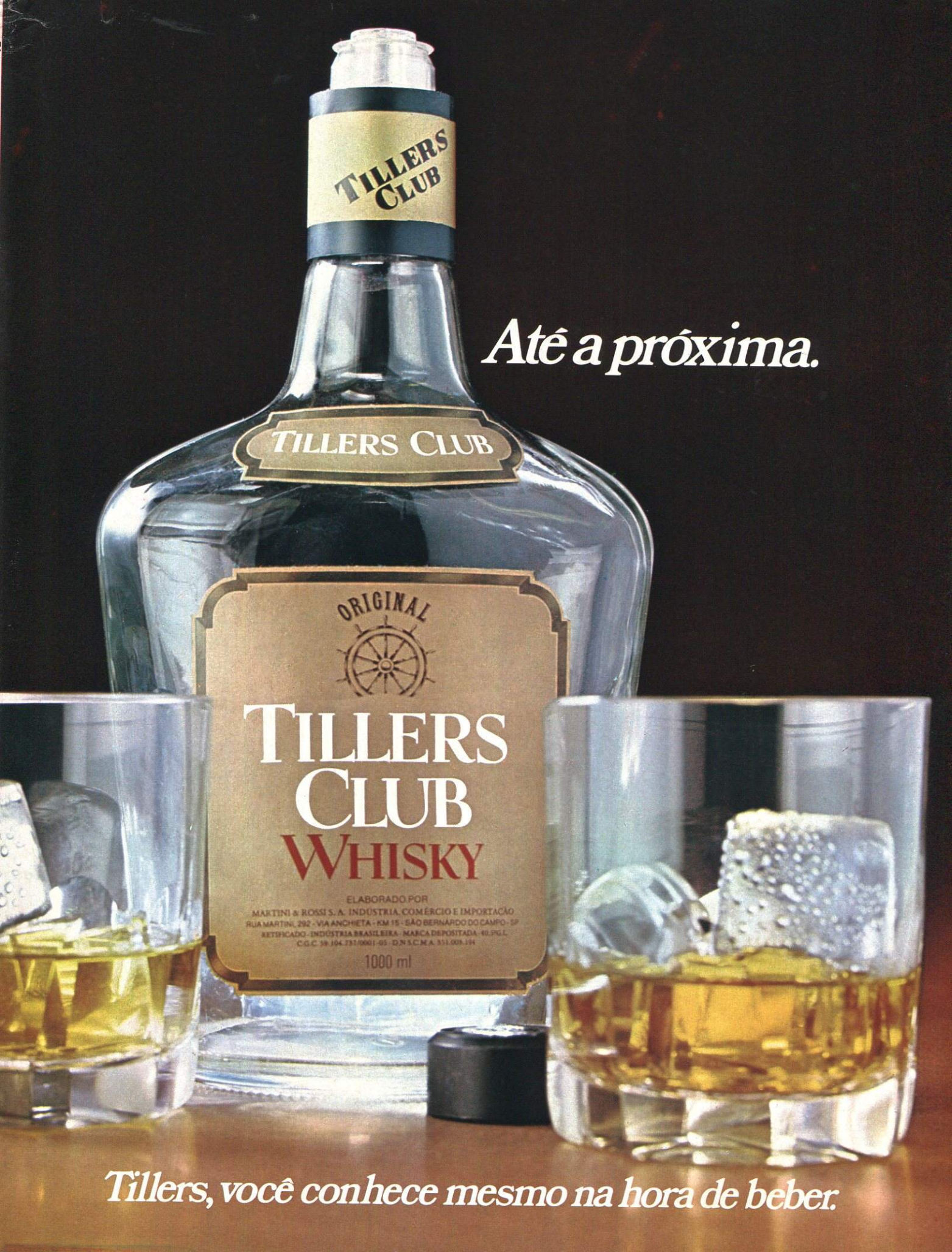
Manga — Novela sai muito mais barato. Não tem negativo, nem laboratório. Não estou dizendo que cinema seja mais difícil de fazer. Mas é muito mais caro.

Homem — Sai mais caro fazer um enlatado como *Columbo* do que uma novela luxuosa como *Saramandaia?*

Manga — Muito mais. A J. Filmes tentou produzir um seriado nacional. Cada episódio custaria uns 300 mil cruzeiros. Acontece que um episódio de enlatado americano chega aqui por uns 60 mil. Pode vir para cá por esse preço porque seus produtores já ganharam o que tinham de ganhar exibindo-o na televisão americana. O que nós pagarmos aqui é lucro extra. Mesmo assim já tem gente se coçando para fazer enlatados aqui, tenho a impressão de que eles serão uma realidade em breve. Mas, para que isso aconteça, será preciso que não possa mais entrar o enlatado estrangeiro de 60 mil cruzeiros. Por que eu iria pagar 300 por algo tecnicamente inferior, se tenho um de 60 que o telespectador já se habituou a assistir? O hábito é uma força.

Homem — O cinema e a televisão têm técnicas paralelas? Chico Anísio poderia ter sucesso num filme?

Manga — Ele, sem dúvida alguma. O programa dele, não. Numa entrevista


TILLERS CLUB
TILLERS CLUB
ORIGINAL
TILLERS CLUB WHISKY
ELABORADO POR
MARTINI & ROSSI S.A. INDÚSTRIA, COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO
RUA MARTINI, 292 - VIA ANCHIETA - KM 15 - SÃO BERNARDO DO CAMPO - SP
RETIFICADO - INDÚSTRIA BRASILEIRA - MARCA DEPOSITADA - 40 ºG.L.
C.G.C. 59.104.751/0001-05 - D.N.S.C.M.A. 351.003.104
1000 ml
Até a próxima.
Tillers, você conhece mesmo na hora de beber.

para o *Pasquim* me perguntaram o que eu achava da televisão. Naquela época, há cinco anos, eu estava afastado, e respondi: "Há três tipos de televisão no Brasil: a de condôminos, a de herdeiros e a de profissionais" A de condôminos era a Record, a de herdeiros a Tupi, e a de profissionais a Globo. Se os condomínios não conseguem cuidar bem de edifícios, imagina então de uma emissora de TV. Que pau deve ser! A de herdeiros passou pros filhos que não manjam nada daquilo. Resta assim a Globo, que foi feita por profissionais. Me lembro que ainda falei: "Em tempo: não estou querendo emprego na Globo porque vou viajar". A Globo — uma indústria privada capitalista — hoje atingiu um nível em que se dá ao luxo de transmitir um concerto de música clássica numa sexta-feira à noite.

Homem — O que você acha da dublagem de filmes?

Manga — Sempre lutei a favor. Em primeiro lugar, porque daria mais empregos para técnicos e atores brasileiros; e, em segundo, porque com ela se venceria a grande barreira do cinema nacional, que é a voz. Chega o Clark Gable [*imitando, com voz grossa e sedutora*] e diz: "I need to talk with you because of this and this " O público está acostumado a ouvir esse som. Então aparece o Cyll Farney e fala: "Dora eu te amo, Dora!" [*dá uma gargalhada estrondosa*]. Brasileiro falando é fogo! É a ignorância e o desconhecimento do som. Eu sempre afirmei que no dia em que dublarem os filmes o povo logo se acostumará e hoje as novelas estão aí, provando isso. Quem é que reclama contra as novelas serem faladas em português? Nunca ouvi ninguém dizer: "Queria ouvir o Tarcísio com a voz do Gary Cooper"

Homem — E a autenticidade da obra?

Manga — Quando os filmes chegam já estão também dublados. São outros caras americanos que falam pelos atores. Os filmes italianos são ultra-dublados. Qual é então o sentido de não dublarmos se eles mesmos dublam? Alguns cinemas de arte — como o Belas-Artes, de São Paulo, e o Cinema-1, do Rio, poderiam continuar exibindo filmes no idioma original. Quem quiser ouvir na língua original iria ao cineminha de arte. A massa ouviria em português. Alguns colegas meus acham que essa minha luta pela dublagem é uma tolice. Alegam que se o analfabeto passar a entender os filmes americanos deixará de ver os brasileiros. E eu sempre respondo: "Meu amigo, se a nossa indústria tem de ficar dependendo de quem não sabe ler, vamos fechar".

Homem — Uma amenização da censura favoreceria o trabalho da televisão brasileira?

"Não nego que papei algumas. Mas nenhuma delas fez carreira por isso"

Manga — Claro. Certos temas são prejudicados indevidamente. Por exemplo: na novela *Duas Vidas,* a Isabel Ribeiro, uma mulher adulta, tem um caso com um garoto de 19 anos. Um fato que pode ocorrer na realidade. Mas a censura exigiu que os dois se casassem. Esse casamento obrigatório é uma medida injustificável, não tem razão de ser.

Homem — Um caso entre uma mulher de 35 anos e um rapaz de 19 é mais verossímil do que um casamento.

Manga — Pois é. Nessa seara a censura prejudica porque tira a verdade de coisas que são vistas diariamente. Não estou dizendo com isso que a televisão deva ser um portão aberto para cada um fazer o que quer. Não defendo isso porque seria uma baderna. Mas acho que há um cerceamento exagerado em coisas que já constituem uma realidade brasileira e que não são mais negativas.

Homem — E pode haver uma censura "saudável" e "sensata"?

Manga — Essa questão é complexa, mas acho que deveria haver mais atualização no tratamento dos problemas sociais do Brasil. São problemas que não constituem vexame, vergonha, nem deficiência alguma. São verdades que existem. Não adianta, por exemplo, não permitir que se fale em tóxicos. O sadio e o certo seria mostrar suas conseqüências, a verdade verdadeira. Se isso fosse feito eu talvez não tivesse hoje uma filha internada num sanatório. Seria muito melhor que o combate aos tóxicos fosse aberto e não proibitivo e fantasmagórico. Deve-se mostrar o que é, como é, e quais as conseqüências. Certas verdades prejudicam mais quando são omitidas. Acho que existem realidades que não devem ser contornadas, apenas devem ser policiadas pra nenhum imbecil ficar fazendo mal.

Homem — Por falar em "verdade" uma acusação que sempre tem sido feita a você é a de ter produzido um programa mundo-cão na TV, o *Quem Tem Medo da Verdade.*

Manga — Já falei muito sobre isso, em qualquer entrevista que eu dou me perguntam a respeito. Não acho que o programa fosse mundo-cão. Sensacionalista, sim. Mas não mundo-cão. Um dia desses vi uma senhora gorda, de míni-saia, sambando num palco e se candidatando a ser uma go-go-girl. Isso sim, é mundo-cão. O fato é que eu fui iincumbido de fazer um programa que levantasse a Record, que estava no zero. Então bolei o *Quem Tem Medo da Verdade.* Sensacionalista, logicamente, senão não teria feito subir os índices de audiência

Homem — Agora, passados seis anos, você faria esse programa novamente?

Manga — Agora não teria mais graça.

Homem — Fala-se também que, nos seus musicais para a televisão, só tinham chance as garotas que passassem pela "prova da cama" Da sua cama.

Manga — Se eu tivesse que usar esse método para apanhar mulher, ficaria com um complexo desgraçado. Não vou negar que tenha papado algumas, mas isso nunca foi bom negócio para elas. Pelo contrário: minha tendência era afastá-las.

Homem — Quanto aos musicais, o que você acha da valorização da parte visual que se nota atualmente?

Manga — Vocês me desculpem, mas a parte visual não tem importância alguma na música.

Homem — É uma opinião curiosa, partindo de um diretor de filmes musicais.

Manga — Dirigi 23 musicais, mas nunca exagerei na parte visual. Hoje, a música não é mais para se ouvir. O cara entra no palco com uma cobra, uns óculos enormes, uma máscara toda prateada, perna raspada, avestruz na orelha, argola no nariz e . berra, urra, se joga no chão, pega a cobra e enfia na boca . pô, no meu tempo música era para se ouvir. Hoje é pra ver

Homem — Descobriram a importância da *mise-en-scène,* mas estão começando a exagerar

Manga — Exagerar? Você está sendo delicado. Veja o tal do Elton John, por exemplo. Não sabe tocar piano

Homem — Há quem ache o contrário.

Manga — Se ele toca bem, o Oscar Peterson então é um lixo.

Homem — Carlos Manga, você está se sentindo velho?

Manga — Com mais de cem programas de televisão, 23 longa-metragens, inúmeros filmes de publicidade, acho que já contribuí para o que pude. Não sinto mais aquela sede de ir ao pote.

Homem — Mas poderia voltar a sentir?

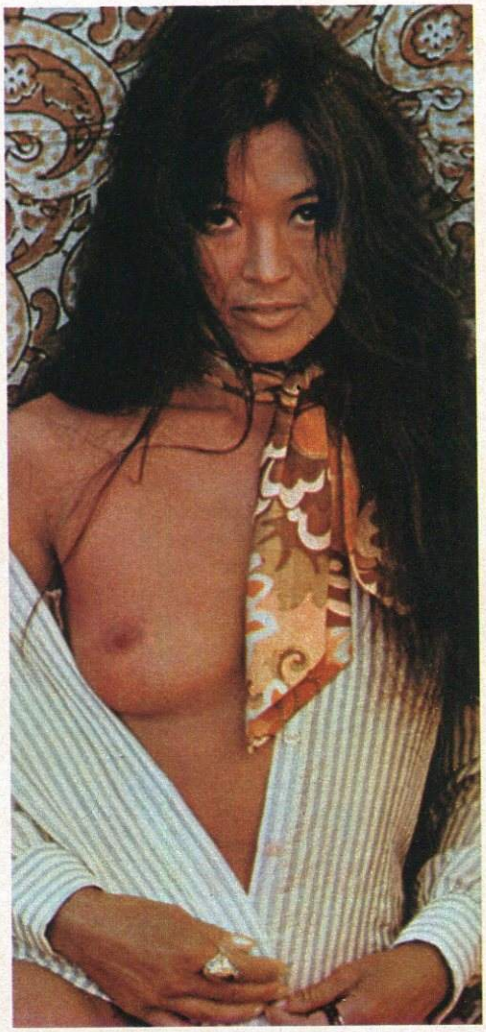
Manga — Não sei. Se bater alguma coisa que me agrade, vou atrás dela feito louco. Na verdade, tenho medo de que alguma coisa nova me apareça. Aí vou ter de começar tudo outra vez.

– Tenho a ligeira impressão de que você é um cara meio exibicionista, não é não?

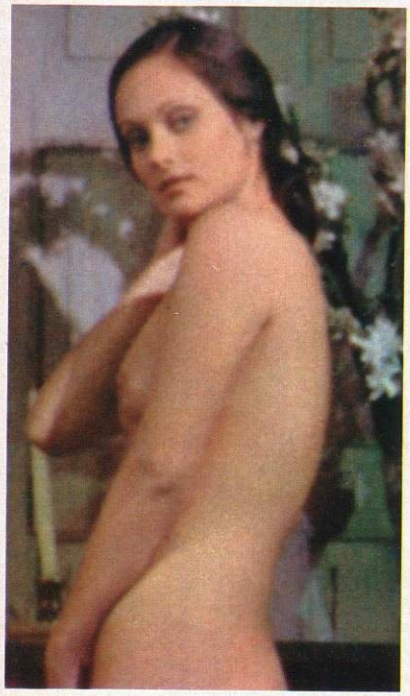
Sexcinema

Esse alegre grupo poderá ser visto no filme de Miklos Jancso, **Vícios Particulares, Virtudes Públicas.** Trata-se de uma nova versão da história de Mayerling — já filmada até com Omar Sharif e Catherine Deneuve —, contando as tragédias do amor entre o herdeiro do trono da Áustria e de sua amante. Só que o filme do húngaro Jancso tem certas particularidades inéditas, entre elas um hermafrodita conquistador

Jovem intelectual é condenado a 101 anos de prisão pelo assassinato e violentação de cinco mulheres. Na prisão, ele é reinquirido por um delegado. Com o depoimento, fica-se sabendo do amor do criminoso pela mulher que ele matou por último. Esse é o enredo de **Fruto Proibido,** filme de Egydio Eccio, em que o intelectual é interpretado por Eduardo Wagner e a última das vítimas por Nathalia Timberg (foto acima).

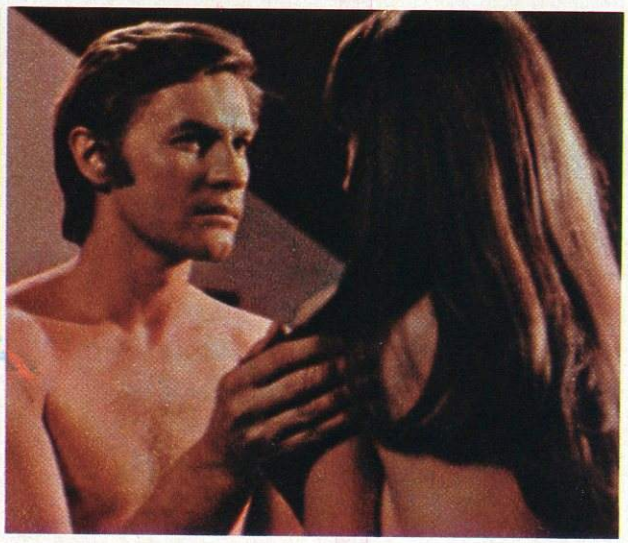


Agressiva, sensual, esta é a verdadeira Emmanuelle, de sobrenome Arsan, autora dos livros de onde foram extraídos os filmes com Silvia Kristel. Emmanuelle Arsan, depois de contar vários fatos de sua vida nos livros eróticos que escreveu, decidiu estrelar um filme, **Laure,** em que faz o papel de uma nativa de uma ilha filipina, amante de um etnólogo inglês, também entretido com a filha de um pastor (Annie Belle).



Selma Egrei tem uma participação especialíssima, como vocês podem ver, em **A Casa das Tentações,** o filme do lendário crítico e diretor *(Ravina)* Rubem Biáfora. A casa do título é disputada por dois irmãos. No elenco, estão Flávio Portho, Anselmo Duarte e Elizabeth Gasper.

Já houve quem cometesse a suprema injustiça de chamar uma mulher como Giovanna Ralli (acima) de "veterana" O caso é que Giovanna começou muito cedo a brilhar no cinema, com sua beleza agressiva: aos 12 anos, ela apareceu de biquíni num filme de Alberto Lattuada. Nessa forma toda, acaba de filmar **Colpita da Improviso Benessere.**



Carole André era apenas uma trêfega jovem maltesa até que ficou famosa ao fazer o papel da garota do pirata Sandokan na televisão italiana. O primeiro filme que ela fez foi dirigido por Mario Monicelli; nele, fazia o papel de uma estudante seduzida por Pierre Chatel. Título: *Bah, Morreu a Vovó.* Mais adulta, porém sempre com sua beleza de ninfeta, Carole André tem muito trabalho para seduzir (foto ao lado) Helmut Berger, no filme policial de Carlo Tessari, **A Borboleta de Asas Ensangüentadas.** Quando veremos Carole aqui?

AS PIADAS DE HOMEM

A festa prosseguia embalada, com pouca iluminação, quando o rapaz notou uma forma feminina num canto. Rastejou até lá e, antes que ela notasse sua presença, abraçou-a com força e deu-lhe um longo beijo.

— Seu sem vergonha! — gritou ela indignada, empurrando-o para longe.

— Desculpe, pensei que você fosse a minha irmã — tentou disfarçar o rapaz.

— Acontece, sua besta — respondeu ela acidamente —, que *eu sou* a sua irmã!

A mulher foi ao médico e queixou-se de que havia três meses o marido não cumpria o chamado "dever conjugal"

O médico apanhou um frasco de amostra grátis e deu a ela, aconselhando:

— Ponha três gotas, mas só três, deste remédio na comida de seu marido, e ficará tudo bem.

No dia seguinte, ela estava de volta.

— Aconteceu uma coisa desagradável, doutor. Em vez de três gotas, deixei cair na sopa metade do remédio que o senhor me deu.

— E daí?

— Daí que ele ficou com os olhos em fogo, derrubou tudo que estava sobre a mesa e pulou pra cima de mim. E a coisa aconteceu ali mesmo

— Ué, não entendo a sua preocupação. Não era isso mesmo que a senhora queria?

— Era, doutor. Mas agora eu não tenho é mais cara para voltar àquele restaurante.

•

Reparando que a calça de seu patrão estava aberta, a nova secretária resolveu avisá-lo delicadamente:

— Senhor, sua garagem está aberta.

O patrão, muito desatento, não entendeu o recado, até que um colega de diretoria o traduziu. Achou então uma graça incrível e sentiu que ali talvez estivesse um gancho para um contato mais íntimo. Por isso, no dia seguinte chamou a secretária à sua sala e perguntou cheio de malícia:

— Senhorita, ontem, quando a minha garagem estava aberta, a senhorita não chegou a ver, por acaso, um enorme cadilac vermelho dentro dela?

— Oh, não, senhor — respondeu a mocinha. — Tudo que pude ver foi um fusquinha vermelho e com os dois pneus da frente vazios.

•

Acabando de provar um vestido, aquela coisinha fofa perguntou à moça da loja que a atendia:

— Você acha que está muito decotado?

A balconista olhou demoradamente para ela e, sem se abalar, respondeu com uma pergunta:

— Desculpe, madame, mas a senhora tem pêlo no peito?

— Eu?? Claro que não!

— Ah, então acho que está um pouco decotado demais, sim senhora.

•

Mas por que você desertou da Marinha, após apenas três dias de engajamento? — perguntou o oficial ao marujo recapturado.

— Bem, senhor — começou a explicar o fujão —, no meu primeiro dia na Marinha, o tema da instrução era cabeça, e me rasparam o cabelo. No segundo dia, o tema era higiene bucal, e o dentista me arrancou uns cinco ou seis dentes. Daí, no terceiro dia, quando avisaram que o tema seria doenças venéreas

•

Eu não esqueci o Dia dos Namorados, meu bem — disse o rapaz ao ser recebido à porta pela namorada. — Trouxe de presente para você três entradas para o teatro, esta noite.

— Mas pra que nós vamos precisar de três entradas? — perguntou a garota.

— Simples — explicou ele. — Uma é pro teu pai, outra é pra tua mãe e a terceira é para o chato do teu irmãozinho.

Bem vestido, mas visivelmente embriagado, o cavalheiro queixou-se ao guarda:

— Roubaram o meu carro, seu guarda. Agora mesmo ele estava bem aqui, na ponta da chave.

— Tá legal disse o guarda. — Vamos até a Delegacia e o senhor registra a ocorrência. Mas, antes, acho melhor o senhor abotoar as calças.

— Diabo! Roubaram minha garota também!

GERAES.
O novo álbum de Milton Nascimento.
O caminho é o de Minas, com panoramas que só ele, falando com canto, pode mostrar, e ninguém pode perder. Ele, que fêz O Milagre dos Peixes. Que fêz Minas. E que agora é GERAES.
Um novo momento da música popular brasileira, está à sua disposição, em discos e fitas, em todas as lojas de som.

HILTON. UM ESTILO DE VIDA.

Luxo, classe, suavidade.
Isso é Hilton.
O sabor suave e exclusivo
dos melhores fumos
da Reserva Especial Souza Cruz.
E você pode escolher:
Hilton 100 ou
Hilton Kings Flip-top.
De acordo com o seu
estilo de vida.

HILTON
Reserva Especial

Qualidade Souza Cruz

HERMÈS

A REVISTA DO
HOMEM

HERMO
HOMEM
A REVISTA

"No homem, o tipo físico não importa. Importa é sua bossa para me conquistar"

Rose Lane nasceu em Tupã, no interior paulista, mas veio pequenininha para São Paulo. Sempre sonhou viajar, conhecer terras distantes. Por isso não hesitou em desistir de um emprego de bancária para ser modelo. O primeiro passo foi trabalhar como recepcionista em feiras industriais e fazer um curso de manequim. Começou também a estudar balé e inglês. E as horas livres?

— São para nadar, montar a cavalo e amar. Você conhece esportes melhores?

Agora, fingindo ser Buffalo Bill com uma espingarda de caçar ursos,

Rose gostaria muito de ter um cão Afeganistão. Com uma piscina ao lado

ela nada mostra do passarinho que diz ser em certas horas. Revela mais seu instinto de caçadora um perigo para os ursos que andam desprevenidos por aí.

Não julgue, porém, que Rose não sabe pensar com seriedade. Preocupa-se muito em descobrir o sentido da vida, e é isso o que a leva a se sentir atraída pelas filosofias orientais.

— Mas não sou presa a tabus. Acho, por exemplo, que o amor deve ser livre quanto mais a gente ama, mais deve amar Difícil mesmo é viver o dia-a-dia com a pessoa que a gente ama. Você não acha?